N.º 33 / JUNHO 1974 / ANO III

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais** Um marinheiro – Que foi um ilustre Homem das letras portuguesas – foi o autor do Hino Nacional	4
S. Santos	**Episódios...**	5
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** O Barroco – *Um estilo que preencheu dois séculos de Arte em Portugal*	6
Redacção	**Voz da Abita**	11
S. Elpídio	**Saibam Todos**	12
M. Horta	**Notícias Pessoais**	13
H. Bonjour	**O Meu Poema a Camões**	14
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	15
F. Júnior	**«Rádio Oceano» – A voz da Armada na serra do Caramulo**	16
P. Duarte/S. Oliveira	**Desportos**	18
G. Brandão/V. Pinto	**Filatelia**	21
O. Lemos/S. Elpídio	**Curiosidades**	23
S. Elpídio	**Reportagem**	25
S. Machado	**Quarto de Folga**	32

Sines

(Foto do subtenente RN Luís C. Gaspar)

REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 33/JUNHO DE 1974/ANO III

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

CRAVOS VERMELHOS
A flor da revolução e do Abril em Portugal!
(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do EMA)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

nota de abertura

A Casa da Balança

No tempo em que eu vim para a Marinha, a Casa da Balança era uma «instituição naval». Não havia em toda a Armada uma só pessoa que desconhecesse a sua existência. Era ali que os oficiais se fardavam e aguardavam a embarcação para os levar para bordo, e depois se despiam, liam a «Ordem» e a correspondência, antes de ir para casa. Desta forma, acabava por ser um lugar de convívio dos oficiais, e lá se resolviam «altos problemas» da Corporação.

Com a mudança de muitos serviços para a margem sul, e sobretudo com o desaparecimento do Quadro dos Navios de Guerra, no rio, perdeu toda a sua importância. Apenas um ou outro oficial a utilizava para se fardar, acabando por servir para arrecadação de material.

Foi, no entanto, restituída recentemente à traça primitiva e, dado o grande número de oficiais que actualmente prestam serviço na «Nau de Pedra», vai certamente retomar o seu antigo prestígio...

Donde lhe vem o nome? Porquê Casa da Balança? Durante muito tempo estive convencido, e há muita gente que ainda o está, que o nome deriva de ali se pesarem as especiarias que vinham da Índia. A versão é muito romântica, mas não tem qualquer fundamento, até porque nesse tempo ela ainda não existia. Não, a realidade é muito mais comezinha. Chama-se Casa da Balança, porque lá esteve instalada durante muitos anos uma balança para pesar a carne e o peixe para os navios no Quadro... Em 23 de Junho de 1922, esteve ali o Presidente da República, dr. António José de Almeida, a saudar a Armada pela feliz conclusão da 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul, levada a cabo pelos valorosos oficiais da Marinha comandantes Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Do discurso que então pronunciou, mandou a Armada gravar numa placa de bronze o seguinte excerto:

«A Armada gloriosa de Portugal não admite restrições para as energias fulgurantes do seu patriotismo, nem limites para a sua indomável acção combativa, nem dúvidas para a sua fé inquebrantável nos destinos da nacionalidade.»

Esta placa, inaugurada no 1.º aniversário da monumental viagem, foi mais tarde levada para o Museu de Marinha e agora regressou ao seu devido lugar, aquele onde ecoou ao vivo a palavra de ouro do Presidente António José de Almeida.

Com.

Efemérides Navais

UM MARINHEIRO – Que foi um ilustre homem das letras portuguesas – *Foi o autor da letra do Hino Nacional*

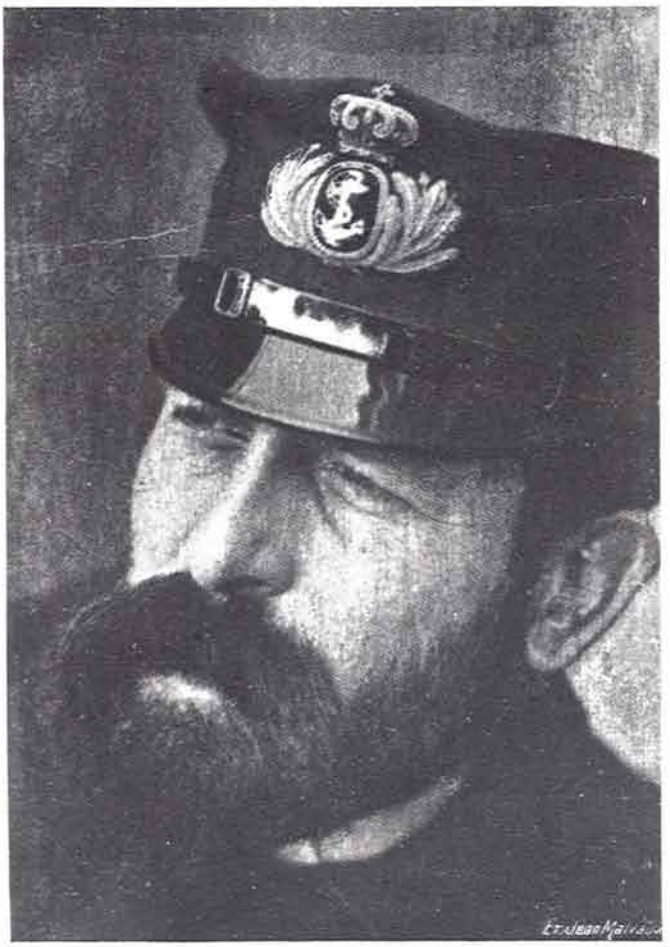
Neste momento histórico da vida de Portugal, em que vivemos horas de exaltação patriótica, vamos recordar a figura e a obra de Henrique Lopes de Mendonça, que então, falando dos últimos volumes literários que tinha entre mãos, dizia «são todos feitos com a ideia de erguer o espírito patriótico e esclarecer a consciência nacional». Na entrevista que vamos transcrever, mais uma vez o espírito patriótico do autor da letra de «A Portuguesa» se exalta, quando abordado sobre a sua opinião política: «a nacionalidade está em grave perigo e todos os homens deviam unir-se para conjurar os perigos que nos ameaçam». Perguntando também se tivera alguma grande paixão, responderia: «Sim. A minha Pátria.»

Nascido em Lisboa, a 12 de Fevereiro de 1856, Henrique Lopes de Mendonça abraçou a carreira de oficial da Armada. Em 1871 era aspirante de Marinha, tendo-se reformado no posto de capitão-de-mar-e-guerra, a 25 de Maio de 1912.

Na vida literária estreou-se como dramaturgo com o drama em verso «A Noiva», em 9 de Fevereiro de 1884, sendo vasta e talentosa a sua criação, devendo-se notar que foi o autor da letra de «A Portuguesa», hino nacional. Neste campo obteve as maiores honras e galardões. Foi sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa, tendo sido seu presidente em 1915. A Academia Brasileira de Letras também o tinha como sócios desde 1923. Era membro honorário do P. N. E. Club de Londres. Sócio do Instituto de Coimbra. Professor de história na Escola de Belas-Artes, etc. Em 1888, foi-lhe atribuído o Prémio D. Luís, concedido pela Academia Real das Ciências. Possuia a grã-cruz de Santiago e era comendador de Avis.

Para conhecermos um pouco o pensamento deste marinheiro – autor das estrofes «Heróis do mar/Nobre povo/ /Nação valente e imortal» –, já no crespúsculo da sua carreira de ilustre homem de Letras, passamos a palavra ao jornalista Luís de Cordova que, em Dezembro de 1921, o entrevistou para uma revista, sendo a mesma publicada sob o título «ABC» ouve os escritores ilustres».

Henrique Lopes de Mendonça, poeta e escritor ilustre, representante de uma geração de que já poucos restam, eterno enamorado da Pátria, procurando erguê-la em todas as suas frases, gestos, em todos os seus livros, espera-nos no seu gabinete da Academia das Ciências, rodeado de muitos volumes de história e de outros que se prendem



com o livro que o mestre está preparando.

Henrique Lopes de Mendonça tem os cabelos todos brancos, ouve a custo e vive rodeado dum alheamento grande. Quase não conhece a vida, mantém-se longe dela e quando lhe falo do público, das relações da sua vida com ele, o mestre fica admirado porque não sabe em que ela possa interessar aos outros.

Henrique Lopes de Mendonça é uma figura longe, distante, do passado. Encheu já as suas horas que foram diferentes, desiguais. O seu tempo sumiu-se já. Ele agora, encontra-se desconhecendo tudo, divorciado do mundo, unicamente íntimo do seu gabinete.

O cenário da hora que passa é diferente e as pessoas que se movem e gesticulam nele também. Só uns óculos azuis, caídos ao acaso sobre a sua secretária, nos dão a impressão de que ele ainda precisa de ver, mover-se, viver...

O mestre fita-nos inquieto. Fomos encontrá-lo escrevendo e saboreando umas bolachas.
O jornalista detalha o ambiente e pergunta. O mestre responde. É amável, gentil, dispõe bem:
– O meu último livro é quase todo feito de artigos publicados em várias folhas, principalmente no «Comércio do Porto». À semelhança deste volume, tenho agora outro no prelo «Capa e Espada». São todos feitos com a ideia de erguer o espírito patriótico e esclarecer a consciência nacional. (...)
– O outro livro de V. Exa.?
– «Capa e Espada». Sim. São episódios mais ou menos heróicos da nossa história, romantizados, alguns deles extensos, formando pequenas novelas. Episódios dos séculos XIII a XIX. Tenciono publicar depois novos volumes. Um deles há-de intitular-se «Entre gente remota». «São episódios da nossa história do Oriente.
«Vou empregar imenso carinho nesse trabalho. O Oriente, as nossas conquistas, além...
O mestre encanta-se nas suas frases, os seus gestos definem capítulos inéditos. Tudo sonho, sonho que será um dia realizado, vivido, se a vida o consentir!
O mestre, agora, respondendo-me, fala de si, da sua vida.
– Já não tenho horas de trabalho. Sinto-me doente, fatigado. Antigamente, sim. Hoje, tenho a minha vida mudada. «Muitas vezes escrevo na biblioteca. Passo aqui algumas horas todas as semanas.
– Fuma, quando trabalha?
– Sim, muito, nunca deixo o cigarro. Contudo, há 15 dias que não, que estou proibido e tenho saudades. O meu cigarro é o meu companheiro. Faz-me muita falta. Conto recomeçar a fumar daqui a poucos dias. É questão de melhoras.
– Qual o historiador que lê com mais agrado?
– Alexandre Herculano.
– Pensa ainda fazer teatro?
– Não. Não há garantias absolutamente nenhumas. A lei não protege os autores portugueses (...).
– Que escritores lê?
– Os clássicos. Os cronistas dos séculos XV e XVI.
– A sua opinião política sobre o momento que passa?
– Não sei. Melhor, a nacionalidade está em grave perigo e todos os homens deviam unir-se para conjurar os perigos que nos ameaçam.
O mestre repousa uns instantes. Estava fatigado. A tosse bolia com ele.
Depois...
– Quando começou a escrever?
– Tinha 28 anos. A minha estreia foi «A Noiva», peça num acto. A plateia recebeu-me bem. Foi um espectáculo interessante. (...)
– A sua melhor peça?
– «A Morta», drama em 4 actos. D. Pedro e Inês de Castro. Tenho saudades dela.
– Teve alguma grande paixão?
– Sim. A minha Pátria!
«D. João da Câmara, dizia-me que a Pátria era a minha Dama. Eu consentia. Era a minha paixão. O maior desejo da minha vida.
Henriques Lopes de Mendonça terminou.

M. Horta
Sarg.-aj. L

EPISÓDIOS...

Este passou-se com um rapaz amigo, sargento fogueiro, hoje já na Reserva como nós.
Foi-nos contado por ele. Acreditamos sinceramente que tal se tenha passado e não podemos fugir à tentação de o contar, embora, segundo ele, muitíssimos camaradas nossos, sargentos e oficiais o saibam. No entanto, achamos o caso tão pitoresco que, julgamos, será bom que fique em letra de forma na «nossa» Revista.
Corria o ano de 1961 e os acontecimentos de Angola estavam no auge, com aquela selvática actividade por parte dos nossos inimigos de que todos nos lembraremos por toda a vida.
O navio onde este meu amigo estava embarcado permanecia nesse momento em Luanda, mas tinha recebido ordem para se dirigir a Cabinda.
Assunto pessoal, mas inadiável, fez que o nosso amigo pedisse permissão para sair de bordo. Foi-lhe concedida a licença com o compromisso de estar a bordo às treze horas, pois o navio sairia às treze horas e trinta minutos.
Resolvido o assunto que o levara a terra, o nosso amigo encaminhou-se para o cais e, pasmado, viu que o navio já ia ao largo.
Dirigiu-se imediatamente à Capitania contando o sucedido. Prontamente o capitão do porto resolveu que se soubesse qual o primeiro transporte para Cabinda a fim de que aquele sargento fogueiro pudesse ir ao encontro do seu navio e, felizmente, havia no dia imediato um avião da Força Aérea que para lá se dirigia.
No dia seguinte, à hora aprazada, lá estava o nosso amigo a apresentar-se ao sargento da F.A.P. para o qual tinha sido recambiado.
O avião transportava mantimentos e outros artefactos e o sargento da Força Aérea estava a conferir a lista do material embarcado juntamente com um tripulante do avião e o nosso amigo sargento fogueiro ouviu, estupefacto, o seguinte: batatas, 20 sacos; cebolas, 10 sacos; laranjas, 2 sacos; arame farpado, 2 rolos; papel higiénico, 1 caixa; sabão, 10 caixas; sargento de Marinha, 1.
E é que foi mesmo juntamente com a carga!...

SEASA
Cabo aux. RA

O BARROCO

Um estilo que preencheu dois séculos de arte em Portugal

O românico e o barroco foram os estilos mais afectos à sensibilidade portuguesa. O estilo barroco surgiu como reacção natural à Renascença. Já em Itália, Miguel Ângelo, que fora um cultor genial do renascimento, sentira necessidade de criar algo de diferente; é ele próprio que dá, na arquitectura, o primeiro passo para o barroquismo. A designação «barroco» pode identificar um período definido na história da arte, delimitado no tempo (entre nós os séculos XVII e XVIII), ou pode significar uma tendência, na arte de todos os tempos, para um certo «maneirismo» – um requinte de que todos os estilos acabam por enfermar. Esse barroquismo é detectável na arte grega, no gótico e até mesmo no barroco que acaba por se «amaneirar» para dar o rococó. Alguém viu já na célebre janela do Convento de Cristo em Tomar o barroquismo do manuelino.

O estilo barroco, porém, é um estilo concreto na arte europeia e incia-se após a Renascença e nasce mesmo dela. Quando os elementos arquitectónicos do renascimento deixam de ser uma necessidade estrutural para passarem a tomar aspectos decorativos, abandonando a austeridade das

Igreja dos Grilos. Porto.

Interior da Sé Nova de Coimbra.

linhas puras e dos planos simples para adoptar um ritmo mais dinâmico com planos distintos criando uma nova perspectiva e linhas interrompidas ou continuadas em curvas e volutas estruturalmente não funcionais, entra-se no domínio da arquitectura barroca. Os primeiros monumentos de carácter barroco, entre nós, devem-se ao

Bom Jesus de Barcelos.

arquitecto Baltasar Álvares, discípulo de Filipe Tércio e sobrinho de Afonso Álvares. São da sua traça a Igreja dos Grilos, no Porto, e Sé Nova de Coimbra e a célebre Igreja de St.º Antão em Lisboa, de que hoje nada resta, mas de que se faz ideia através da planta e gravuras ainda existentes. Na Igreja dos Grilos, que é do princípio do século XVII, vemos criarem-se sombras e ritmo de linhas de uma vivacidade que não existe por exemplo em S. Vicente de Fora. A fachada desenvolve-se em sucessivos planos sendo o mais avançado o do portal com colunas geminadas salientes encimadas por tímpanos interrompidos. Vem depois o plano das pilastras e a seguir o das frestas criando-se, assim, um jogo de luz e sombra que vem dar muita vida à fachada. O ligeiro recuo do plano dos torreões, na parte superior, acentua ainda mais os desníveis das superfícies. Este dinamismo das fachadas, não foi transposto para os interiores e Baltasar Álvares deixa-se arrastar, nesse domínio, pelos padrões renascentistas, com abóbadas de caixotes, capelas laterais e nichos como se pode ver na Sé Nova de Coimbra. A nave única,

Exterior da Igreja de Mafra.

Torre dos Clérigos. Porto.

a conselho de Roma, passa a substituir sistematicamente as três naves, por se tornar mais adequada à pregação.

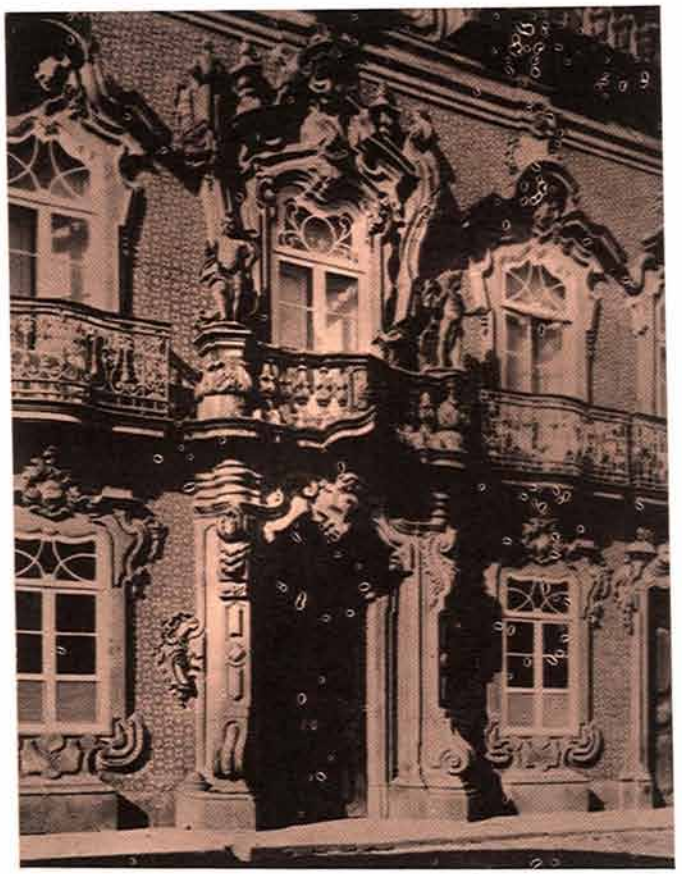
João Antunes foi outro arquitecto célebre desta primeira fase do barroco português e a ele se devem a Igreja do Bom Jesus em Barcelos, de planta octogonal com cúpula central e muros rematados por balaustrada, a Igreja de St.ª Engrácia e a Sacristia do Hospital de S. José em Lisboa. As escadarias ladeadas por obeliscos e os muros dos adros pontuados de marcos encimados por esferas são características do estilo. A arquitectura barroca do século XVII é criação de arquitectos nacionais. Com o advento do século XVIII serão os arquitectos estrangeiros a ter a palavra. D. João V deu preferência a estes e daí o notar-se um certo desenraizamento nacional nas obras que mandou erigir e das quais se destaca o Convento de Mafra. O arquitecto de Mafra foi Friedrich Ludwig, de origem alemã e formação italiana. Adoptou, para uso nacional, o nome de João Frederico Ludovice. A obra é de uma vastidão monumental mas, apesar disso, carece de grandeza. Ludovice não conseguiu ultrapassar a sensação de monotonia criada ao longo das enormes fachadas. Salva-se a igreja, pela elegância de linhas, onde duas torres bem proporcionadas vêm dar um toque dinâmico de verdadeiro barroquismo.

Ludovice influenciou toda a arquitectura barroca do sul do País que denota uma certa austeridade, rigor e pureza de linhas.

Carlos Mardel foi outro arquitecto estrangeiro que se fixou em Lisboa. Devem-se-lhe os palácios de Oeiras e da Junqueira e muitos dos chafarizes de Lisboa, como o do Largo da Esperança e o da Rua do Século.

No Norte do País, o barroco adquiriu uma feição própria e distinta do Sul. De resto, a natureza do material empregado, o granito, mais acentua esse carácter onde predomina a turgidez das formas e o contraste (de efeito muito belo) entre o tom escuro da pedra e a cal branca dos muros.

Nota-se, em todos os monumentos religiosos ou civis, a influência do arquitecto Nicolau Nasoni, italiano, que trabalhara em Florença e veio para o Porto em 1731. São dele a Igreja e Torre dos Clérigos, no Porto, a fachada da Misericórdia e o Palácio do Freixo. O seu tipo de decoração é rico e profuso com muitas pilastras e florões, remates de balaustrada e múltiplos fogaréus nos cantos e topes. Irradiando a Guimarães, Braga e Lamego, o seu estilo reconhece-se num sem número de palácios e igrejas. É o caso do Palácio Malheiros Reimão e respectiva capela em Guimarães e a Casa do Mexicano, em Braga. Nesta, sobretudo, o que mais impressiona é a varanda central e a sua janela de honra. A varanda e balaustrada avançam em proa levando atrás



Casa do Mexicano. Braga.

Fachada da Igreja da Madalena. Falperra.

O BARROCO

de si uma moldura de janela magnífica pela variedade dos temas decorativos com curvas, volutas e concheados precursores do rococó.

Braga pareceu fadada para essa quintessência do barroco que é o «rocaille» onde a imaginação decorativa se liberta de todas as peias, guardando todavia a disciplina e unidade de estilo. É o caso da Igreja da Madalena, em Falperra. Há como um frémito de asas em ânsia de liberdade patente no portal, na janela e nicho centrais que parecem transportados nesse voo apaixonado. No dizer do professor Reynaldo dos Santos: «A arquitectura barroca do Norte, pela matéria, pela concepção e temas decorativos regionais, é talvez menos correcta, mas tem mais carácter que o barroco do Sul, é mais dinâmica, tem mais vivacidade e mais cor.»

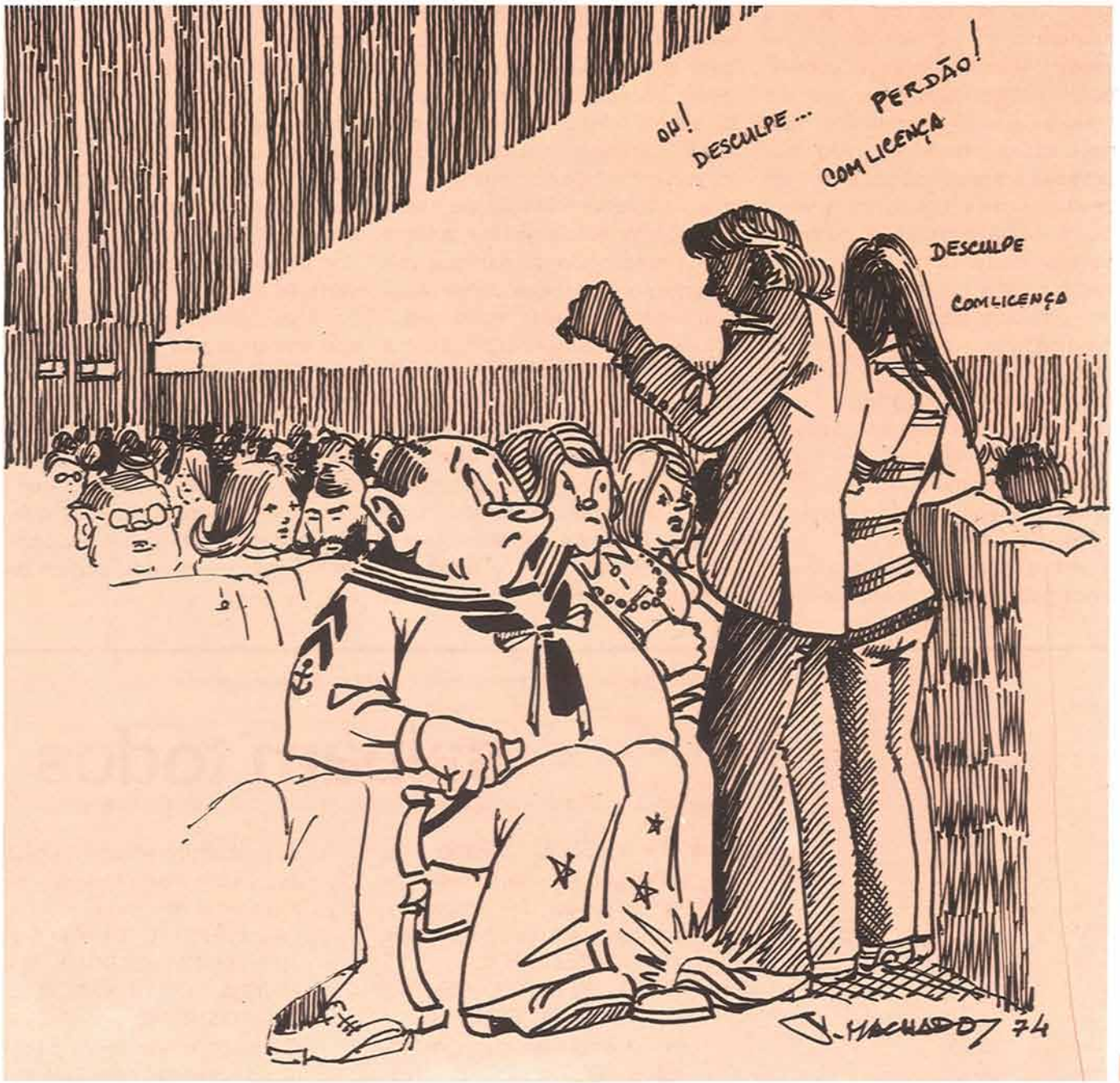
Uma das criações mais típicas da arte barroca é a talha que completa por assim dizer a arquitectura interior das igrejas. A talha barroca dos altares tem uma concepção e estrutura próprias, criando uma espécie de arco de triunfo ou trono destinado à exaltação de uma imagem, relíquia ou túmulo. Usa para o efeito a coluna salomónica (coluna torcida) com motivos sobrepostos. Por via de regra, a arquitectura dos retábulos filia-se na do portal românico. Igrejas sem grande interesse arquitectónico são por vezes valorizadíssimas pela beleza da sua talha dourada magnificente.

O. Lemos
Cap.-frag.

voz da abita

Do nosso já conhecido «Pezinhos», cabo M, recebemos outra carta que transcrevemos:

«Eu bem digo que onde se anda melhor é no mar, apesar dos perigos inerentes, do balanço e do enjoo, das noites perdidas e dos dias sempre iguais... Ao menos sabemos com o que contamos, e não damos cabo dos nervos como sucede nesta barafunda da cidade. Ora vejam se tenho ou não razão. Aqui há dias, resolvi ir com a patroa ao cinema, coisa que já não acontecia há séculos. Como sou um doente por tudo que cheire a maresia, fui ver... «O delicadinho na Marinha». E como cidadão cumpridor dos meus deveres, que me prezo ser, cheguei minutos antes de começar o espectáculo. Os nossos bilhetes eram a meio da casa, na plateia, e na coxia central. Entrei, segui o arrumador que me indicou o lugar e retribuí o serviço, dando-lhe duas «coroas». Fiquei um pouco mal impressionado, porque ele não me deu o programa, mas não disse nada. Reparei depois



que ele trazia alguns escondidos no bolso interior do casaco, mas só os dava, voluntariamente, a quem desse cinco escudos e a pedido a quem dava vinte e cinco tostões. Aos que davam menos, como eu, e pediam o programa, respondia que não havia, ou dava-o de muita má vontade...

As pessoas iam entrando «às pinguinhas», quase uma a uma, mas quando a cortina do palco começou a levantar, entrou um mar de gente, de roldão. O que eu me aborreci até aquilo serenar! Como, tanto eu como minha mulher, somos um pouco nutridos, era uma maçada cada vez que entrava alguém para a nossa fila. Por mais que nos encolhêssemos, a pessoa não cabia e tínhamos de nos levantar. Mesmo assim, e porque, como sabem, tenho os pés um tanto ou quanto avantajados, apanhei várias pisadelas... Algumas pessoas eram delicadas e pediam desculpa mas outras nem isso! Como provavelmente já notaram, eu sou muito calmo e não dizia nada, mas, a minha mulher e outras pessoas, resmungavam: «não há direito...», «porque é que não vêm a horas como eu...», «não se pode estar sossegado...», «que chatice...». Mas eles não ligavam e, imperturbáveis, iam deslizando de lado, murmurando: «com licença...», «perdão...», «com licença...», «perdão...».

A certa altura a fila ficou completa, e nós pudemos finalmente refastelar-nos na cadeira e concentrar a atenção no filme. Mesmo assim, ainda foi preciso trocar de lugar com a patroa porque lhe calhou na frente um parzinho que estava sempre com a cabeça de um lado para o outro, e ela não via nada. Pedi-lhes que ficassem quietos, pois eu tinha pago para ver a fita... O rapaz ainda disse que se eu não estava bem que me mudasse mas, perante um «shiu» muito enérgico da minha parte e outro de um vizinho que se quiz solidarizar comigo, lá sossegou.

Passaram um documentário sem interesse, um filme de desenhos animados, uma amostra do filme que vai a seguir e, quando menos se esperava, acenderam as luzes para o intervalo. Quase toda a gente abandonou a sala, repetindo-se na minha fila a cena dos «com licença...», «perdão...», desta vez em sentido contrário.

Vim cá fora na intenção de fumar um cigarro, mas a gente era tanta e a fumarada tão intensa que voltei para o meu lugar a correr. Acabou o intervalo, aliás muito longo, e tudo voltou ao princípio. Eu e a patroa de pé, com os pés puxados o mais atrás possível para evitar pisadelas, esperando que a lotação da fila ficasse completa para nos sentarmos definitivamente. Pelo menos parecia, mas tivemos ainda de dar passagem a um retardatário que se tinha demorado a fazer... «xixi», segundo lhe ouvi dizer à mulher.

Começou então o filme propriamente dito, e que nos tinha ali levado. E estava eu, por assim dizer, no melhor da festa quando inexplicavelmente surgiu novo intervalo, o segundo! Repetiu-se em todos os pormenores o que se tinha passado no primeiro – saída em tropel, levanta e senta, fumarada, «xixis», etc. – e era cerca da meia-noite quando a sessão terminou.

Ora bem, na minha modesta opinião, opinião de um homem do mar pouco conformado com as coisas de terra, há aqui qualquer coisa que não está certa. Uma pessoa vai ao cinema para se distrair, não é verdade? E os senhores acham que pagar um dinheirão pelos bilhetes, estar sempre a levantar e a sentar, apanhar pisadelas nos calos, ficar com os olhos a arder por causa do fumo dos cigarros, chegar a casa à uma da manhã, não dormir o suficiente por ter de levantar cedo... é divertir-se?

Para quê dois intervalos? Para quê entrar depois do espectáculo ter começado? Para quê abrir uma só porta, afunilando a entrada das pessoas só para cortar um bocadito ao bilhete? Para quê aquelas «partes» do programa? Para quê e porquê sermos diferentes das outras terras por onde tenho andado, não me podem dizer?...»

saibam todos

Que por portaria do Ministério da Educação Nacional recentemente publicada, foi definida a equiparação das habilitações abaixo indicadas:

PARA EFEITOS DE SEQUÊNCIA DE ESTUDOS

A aprovação no exame de admissão de formação de oficiais de serviço especial (CFOSE), da Escola da Armada – ao curso geral dos liceus.

PARA EFEITO DE PROVIMENTO EM CARGOS PÚBLICOS OU EXERCÍCIO PROFISSIONAL

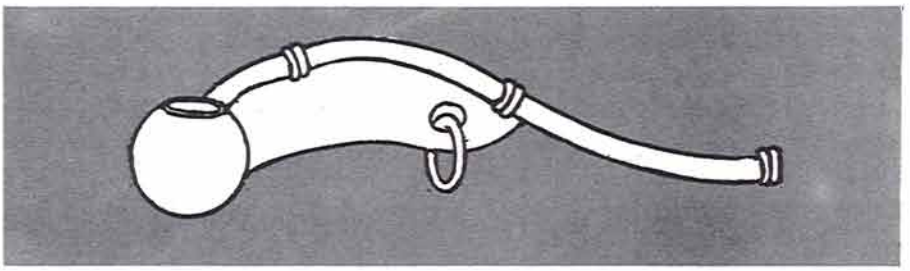
O curso de serralheiro mecânico, regulado pelo Decreto

n.º 20 420, com excepção da disciplina de Oficinas, acrescido da habilitação do antigo 1.º ciclo liceal – ao curso geral dos liceus.

O curso de formação de carpinteiro-marceneiro, regulado pelo Decreto 37 029, com excepção do exame de aptidão profissional – ao curso geral dos liceus, desde que o candidato obtenha aprovação no exame da disciplina de Francês ao nível de um curso de formação do ensino técnico profissional.

PARA FINS MILITARES

O curso geral de comércio, regulado pelo Decreto n.º 37 029, com excepção dos exames das disciplinas de Inglês e Contabilidade, e a aprovação nos exames destas duas disciplinas do curso geral de administração e comércio – ao curso geral dos liceus.



Que no Plano de Uniformes para Oficiais, Aspirantes a Oficial e Cadetes da Armada, foi incluído como artigo de fardamento o «apito», o qual poderá ser usado pelos oficiais no caso de chamamento.

Que este apito será colocado em algibeira do lado direito, nos blusões, camisas e dólmanes ou suspenso de colchete debaixo das bandas dos jaquetões; para sua suspensão será usado um fiel de cordão de algodão branco fixo ao ombro direito, enfiado nas platinas ou presilhas ou, no caso de peças de uniforme que as não tenham, enfiado em alça de linha, para o efeito trabalhada na peça de uniforme e com a cor deste.

notícias pessoais

CASAMENTOS

Cap.-m.-g. MN RF João António Matos Serrasqueiro Rossa com D. Maria Carvalho e Oliveira, em 6-3-74.

1.º-ten. Rui Cardoso de Telles Palhinha com D. Paula Maria da Conceição Nunes Afonso, em 9-3-74.

1.º-ten. SG Amaro Luís Nunes com D. Branca da Conceição Henriques da Silva, em 11-3-74.

2.ºten. FZE RN Carlos Alberto de Oliveira Quelhas com D. Lídia Maria Moreira Lopes, em 23-3-74.

Subten. RN António Carlos de Oliveira Ferreira com D. Maria Evangelina Dias Garção Nunes de Oliveira, em 14-3-74.

Sarg.-aj. C RA José Gonçalves com D. Delfina Carlota, em 5-4-74.

Sarg.-aj. F RF Julião Correia com D. Joaquina Lopes Carriço da Conceição, em 3-4-74.

1.º-sarg. ACM Acácio Rui Marques Lopes com D. Maria da Conceição Vieira Carvalho, em 23-3-74.

2.º-sarg. CM José Abreu Carneiro com D. Amélia Nunes Abreu, em 26-4-74.

2.º-sarg. FZ António de Oliveira Lopes com D. Emília Ferreira Rebelo de Oliveira, em 3-3-74.

2.º-sarg. H José Manuel de Almeida Castro com D. Maria de Lurdes Macedo, em 10-3-74.

632/72/C. O Álvaro Marinheiro das Neves com D. Maria Marques Silveirinha, em 3-3-74.

1818/72/Mar. CM Joaquim dos Anjos de Sá Lopes com D. Maria Luísa da Silva, em 7-4-74.

2401/71/Mar. R António Duarte Rosa com D. Maria da Conceição dos Santos Aleluia, em 17-3-74.

1174/72/1.º-gr. M António Rodrigues Santinho com D. Florinda Pinela Gonçalves, em 3-4-74.

2445/72/2.º-gr. CM Joaquim de Jesus Vidal da Costa com D. Mabilda Libânia David Cordeiro, em 1-4-74.

521/73/2.º-gr. C António José da Silva Amorim com D. Maria da Conceição Rebelo Castro, em 16-3-74.

PASSAGENS À RESERVA

V. – alm. Eugénio Ferreira de Almeida, em 30-4-74.

C. – alm. Aníbal Barros de Almeida Graça, em 30-4-74.

C.-alm. Manuel Pereira Crespo, em 30-4-74.

C.-alm. Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva, em 30-4-74.

Com. António Eduardo Lopes Marques, em 4-4-74.

Cap.-m.-g. AN Cupertino Ferreira Guerra, em 20-3-74.

Cap.-m.-g. AN Jorge Joaquim Rocha, em 17-4-74.

Cap.-frag. SG Jaime Maldonado, em 27-3-74.

1.º-ten. SG Floriano Afonso em

14-3-74.
1.º-ten. SG José Lourenço Madeira, em 14-3-74.
Sarg.-aj. T João Maria Marques, em 21-3-74.
2631/C. R José Ricardo da Cruz Camilo, em 3-4-74 (RF).

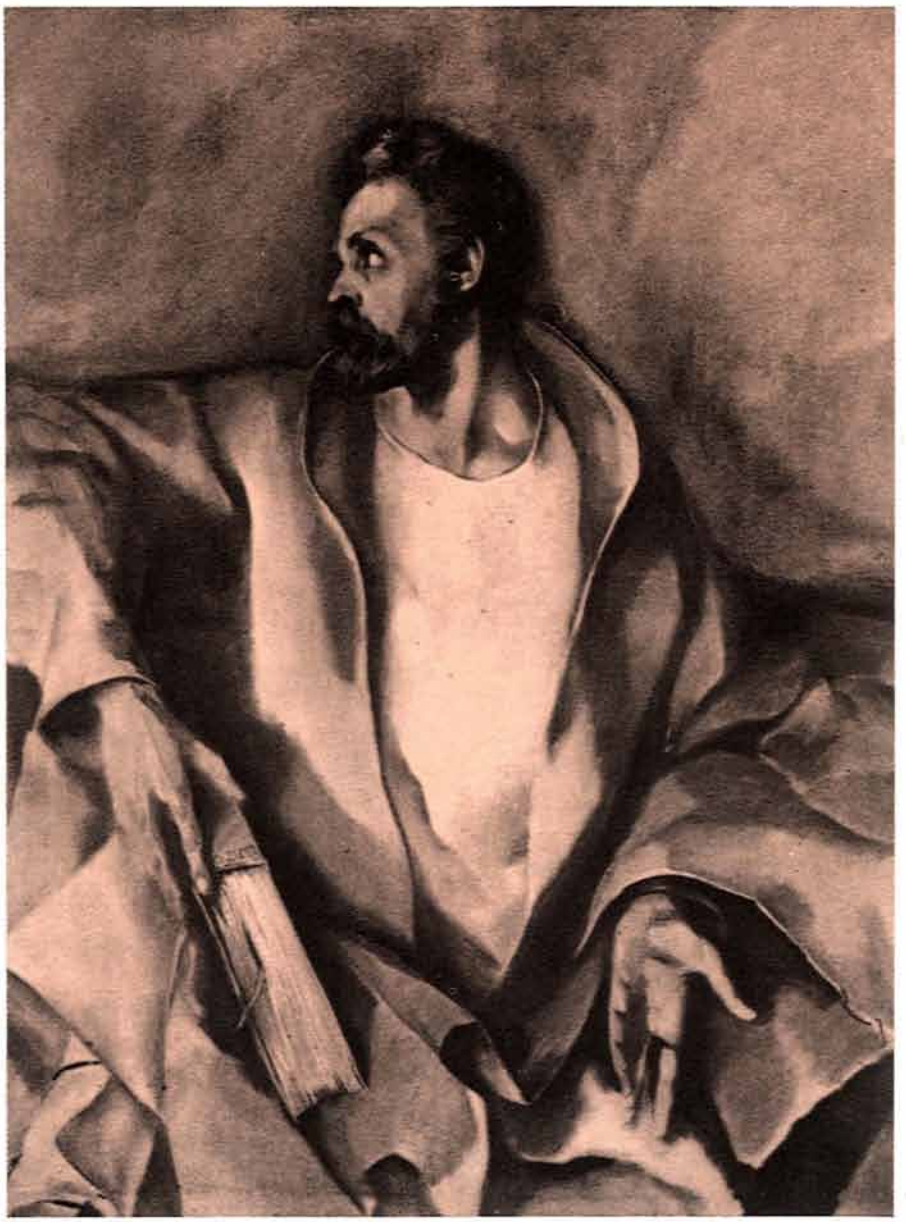
APOSENTAÇÕES

Em 30-4-74:
Manuel de Sousa Coelho, cabo-de--mar de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.
Luaciano da Guia Martins, ex-marinheiro do troço do mar do Q. P. C. M. M.

FALECIMENTOS

Cap.-m.-g. RF José Joaquim Marques da Silva Araújo, em 6-4-74.
Cap.-frag. RF António Manuel Roxo de Carvalho Lima, em 23-4-74.
1.º-sarg. C RA Joaquim Henriques Marques, em 17-3-74.
1.º-sarg. T RF José Vieira, em 13-3-74.
1575/C. M RA António Marques da Silva, em 29-3-74.
2416/C. M RF António João, em 16-3-74.
2889/70/Mar. FZ Joaquim Alves Gomes, em 19-4-74.
3433/73/2.º-gr. FZ António Lourenço António, em 21-4-74.
Manuel Barreira Leitão, 2.º oficial do Q. P. C. M. M., em 9-4-74.
José Correia Pastor, maquinista de 2.ª classe do Q. P. C. M. M., em 14-4-74.

O MEU POEMA a CAMÕES



Retrato de Camões. Pintura a óleo de António Soares.

Escondido, dentro dos versos,
trago o sangue dum poeta,
dum poeta fatalista.
Que já foi herói, guerreiro,
amante, conquistador,
foi pirata, marinheiro,
viajante, lutador.

Rasgou caminhos do mar
onde deixou o AMOR.
Mas unido ao peito forte,
vencendo as ondas da morte,
pôs a salvo um Bem Maior.
Com as mãos brancas de sal,
escreveu lendas de sereias
com marés de Portugal
a dançar dentro das veias.
Colheu miséria e tristeza
depois de morto: a glória.
Mas a odisseia dum povo
deixou na tela da História.

Helena L. M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

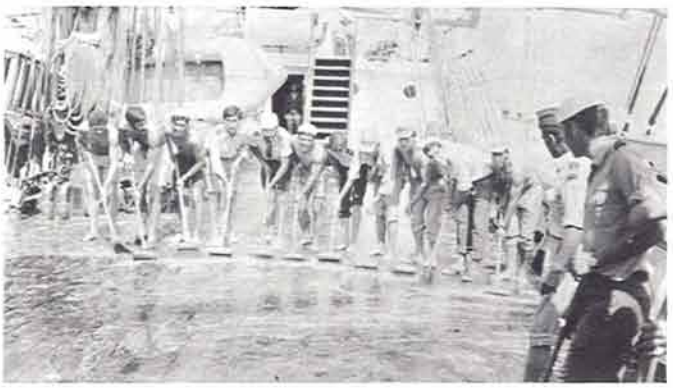
Terminologia Naval

CAMBAR – Mudar para o bordo oposto as escotas das velas, por se ter virado de bordo. Numa embarcação envergando pano latino, ao pretender-se virar em roda devem-se cambar as escotas no momento em que a popa está a passar pela linha do vento, manobra que exige grande atenção de modo a evitar que o vento, apanhando as velas com as escotas ainda folgadas, as faça cambar repentinamente, originando violenta sapatada que pode ocasionar avarias ou mesmo o voltar da embarcação. Chama-se a este cambar violento *pescar de luva.*

CAMISA DA VELA – Parte do pano que na manobra de ferrar se encontra no terço, onde é abraçado pelas bichas da cruz, bocados de gacheta cosidos no vergueiro do pano e destinados a amarrar a vela.

CAMPANÁRIO – É a designação do lugar ou ornato onde se pendura o sino de bordo.

CANETA – Termo de calão naval que se refere à vassoura de baldeação; assim, ao acto de utilização da vassoura em tarefa de baldeação diz-se *escrever.*



CANTAR – Pronunciar em voz alta e ritmada qualquer informação cujo conhecimento importa saber; assim procede o prumador, ao transmitir as indicações fornecidas pelo prumo na sondagem. São os seguintes os termos que usa:

x braças na marca – Quando a marca do prumo se encontra exactamente à superfície da água;

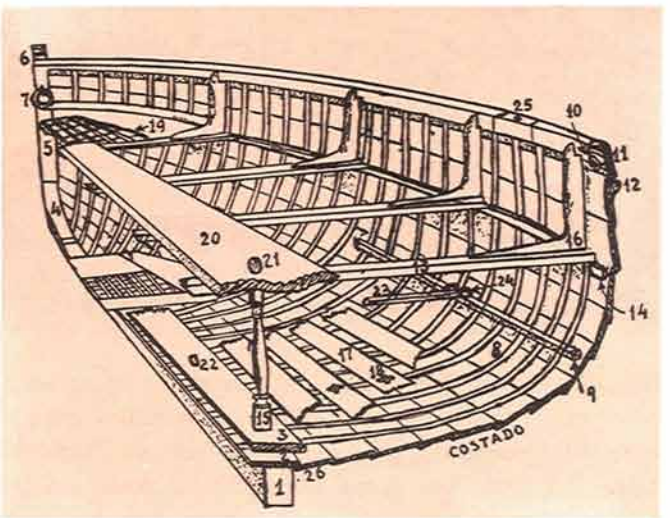
x braças afogadas, ou folgadas – Quando a marca do prumo está mergulhada;

x braças escassas – Quando a marca se encontra um pouco acima da linha de água;

x braças e não encontro fundo – Quando o prumo não alcançou fundo com x braças da linha utilizada.

CAPA – Manobra pela qual se coloca o navio em condições de suportar mau tempo e em que não anda ou se encontra quase parado; nos navios de vela utiliza-se o pano indispensável para manter o rumo com pouco ou nenhum andamento; nos navios de propulsão mecânica é à velocidade dos motores e ao leme que se vai buscar a necessária posição de equilíbrio para resistir ao embate do mar e à força do vento. Da conjugação destes elementos assim se obtêm os efeitos pretendidos em relação a cada uma das três espécies de capa: *simples,* em que o navio tem pouco ou nenhum seguimento; *seguida,* em que o navio conserva algum seguimento a vante, e *rigorosa* ou *morta,* em que o navio não tem seguimento e apenas abate para sotavento.

CAPELO – Extremidade superior da roda de proa.



5 – Roda de proa; 6 – Capelo.

CAPITÃO DE BANDEIRA – Oficial da Armada comandante de um navio mercante requisitado pelo Estado; o navio nestas condições conserva toda a guarnição incluindo o seu capitão; o oficial da Armada no desempenho de tais funções tem direito ao uso de flâmula a bordo do seu navio.

CAPITEL – Pequeno cone de alumínio, furado, no centro da rosa-dos-ventos, dispondo na parte superior do furo de um fragmento de ágata, safira polida ou berilo, por onde assenta sobre o pião da agulha magnética.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

"Rádio Oceano"

A voz da Armada na serra do Caramulo

Há poucos meses, um oficial da Armada, que muito admiro e prezo, tendo conhecimento de um trabalho que elaborei e foi publicado, em 1967, nos «Anais do Clube Militar», no qual fazia breve referência ao posto emissor «Rádio Oceano», instalado no Sanatório Bela Vista, no Caramulo, incitou-me a que escrevesse um artigo para a «Revista da Armada» para, através dela, dar a conhecer, com maior audiência, uma realização exclusiva dos Marinheiros, e que conta já a bonita idade de 22 anos. Achei que talvez valesse a pena aproveitar a ideia, tanto mais poder afirmar-se que, 90 por cento do pessoal da Armada, desconhece a sua existência.

Tudo começou em 1952, quando duas praças, doentes, interessadas em assuntos de radiodifusão, resolveram construir, eles próprios, um pequeno posto emissor, com peças adquiridas a esmo e outras ofertadas.

Logo que o posto iniciou as suas emissões «em período experimental», foi baptizado, pelos seus proprietários e construtores com o nome de «Rádio Oceano» uma alegoria nítida à Corporação a que pertenciam.

O raio de acção do pequeno posto não ia além da área da Estância Sanatorial do Caramulo, mas, mesmo assim, transmitindo, em três períodos, cinco horas por dia, adquiriu uma popularidade invulgar.

Quando os proprietários e locutores do «Rádio Oceano» tiveram alta, curados, cederam-no à Caixa Recreativa dos Marinheiros Internados na Estância Sanatorial do Caramulo . associação semi-oficializada ali existente com fins culturais e recreativos.

Mas o posto não estava legalizado e a sua renovação . e ampliação . impunha-se.

O então presidente da Direcção da Assistência aos Tuberculosos da Armada, capitão-de-fragata MN Marcelo Gomes Rebelo de Barbosa, já falecido, no posto de comodoro, resolveu expor o assunto ao director do Serviço de Electricidade e Comunicações, o também já falecido contra-almirante Ramos Pereira, grande amigo e dedicado protector dos tuberculosos da Armada, que estudou a melhor maneira de corresponder aos desejos do presidente da Assistência aos Tuberculosos da Armada e dos doentes internados no Caramulo.

Esse distinto oficial visitou aquela estância sanatorial a fim de recolher elementos sobre as possibilidades de dotar a Caixa Recreativa com um posto emissor que pudesse

satisfazer, sob todos os aspectos, o interesse dos seus ouvintes-associados, e fosse como que a «voz» da Armada no alto da serra do Caramulo.

Assim, mandou instalar um posto de maior potência – hoje ouvido a cerca de 70 quilómetros de distância –, oficializou a sua existência junto do Ministério das Comunicações e, desde então, jamais houve um só dia que o «Rádio Oceano» deixasse de se fazer ouvir, mantendo os seus programas um cunho acentuadamente cultural e recreativo – palestras, canções em directo, diálogos, gravações, etc. –, mas lembrando a todos, também, que a Armada ali estava, assistindo, num transe difícil, aqueles que a fatalidade da doença obrigara ao afastamento temporário do ambiente naval.

Não cabe nesta notícia-comentário falar sobre a tuberculose nas Forças Armadas e na actual situação dos doentes entregues à Assistência aos Tuberculosos das Forças Armadas pela Marinha, o Exército e a Força Aérea. Todavia, convém lembrar que, em 31 de Dezembro de 1961, foram extintas as Assistência aos Tuberculosos da Armada e Assistência aos Tuberculosos do Exército, sendo criado a actual A.T.F.A.

Sem compartimentos estanques, este organismo trata, indiferentemente, qualquer membro das Forças Armadas ou dos seus familiares que nela são mandados apresentar. Mas procurou manter-se, até há pouco, uma tradição: os doentes da Armada continuaram a ser internados no Sanatório Bela Vista . que já anteriormente a 1962 sempre lhes fora destinado, e, no Sanatório Dr. Oliveira Salazar, os restantes.

Em 28 de Fevereiro findo, o Bela Vista teve de encerrar as suas actividades por carência de doentes militares, sendo os poucos marinheiros ali internados transferidos para o Sanatório Salazar, propriedade exclusiva das Forças Armadas, portanto «Sanatório Militar».

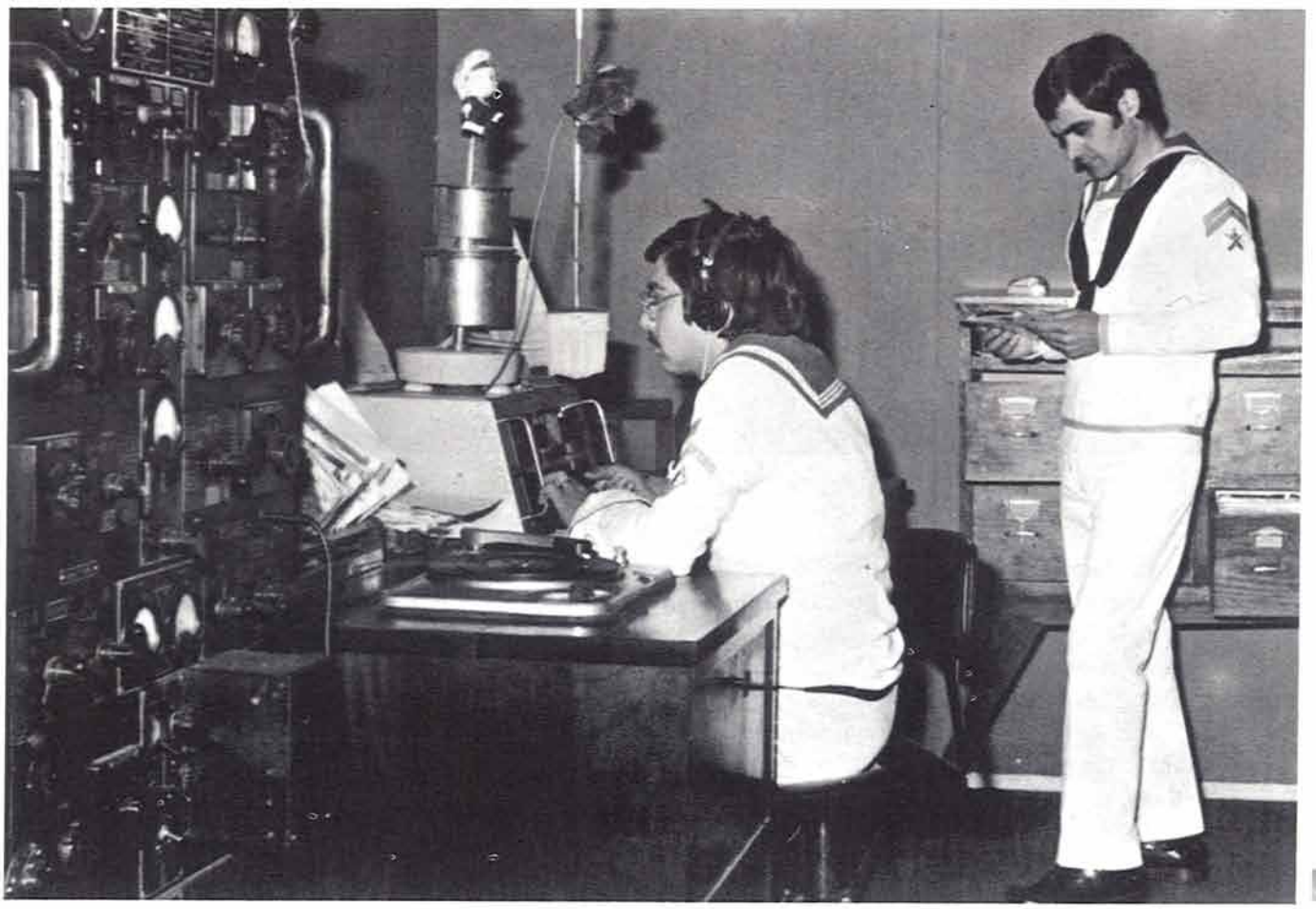
Mas, de modo algum, a direcção da A.T.F.A. podia permitir o encerramento do «Rádio Oceano», até aí sempre entregue às várias gerações de marinheiros que, no decorrer dos anos, foram passando pela estância sanatorial do Caramulo.

Seria uma perda chocante e menos um derivativo para aqueles que a doença levou para longe dos seus lares. Do mesmo modo, todos os numerosos rádio-ouvintes do Caramulo e arredores acusariam o «emudecer» de um companheiro de tantos anos.

Assim, o «Rádio Oceano» continuará, agora em novas instalações, servido por «locutores» da Armada, mantendo o espírito pioneiro que, há 22 anos, levou os promotores da iniciativa a criarem uma obra que o tempo não conseguiu destruir, antes, mais cimentou.

Para quem ler este comentário e desconheça a existência do famoso – porque não? – «Rádio Oceano», ficará com uma certeza que orgulha todos aqueles que usam o «botão de Âncora» mesmo em terra e nos maus momentos, a Armada não abandona os que a servem, procurando sempre ir ao encontro dos seus anseios e aspirações.

O «Rádio Oceano» é o prolongamento da Armada, é a sua «voz, no cume da serra do Caramulo, e será, de futuro, ainda, a garantia confirmada de que todas as iniciativas, quando meritórias – seja qual for a sua dimen-



são – impõem o amparo, o carinho e a compreensão de quem pode e está disposto a concedê-los.
Hoje, que é fácil ir à procura de um «Portugal desconhecido», quando algum marinheiro passar próximo da serra do Caramulo, não deixe de visitá-la e ao «Rádio Oceano». Não dará por perdido o tempo, e encontrará vastos motivos que justifiquem o desvio que seja forçado a fazer.

M. de Fragata Júnior
1.º-sarg. H.

desportos

II Campeonato de Judo das Forças Armadas

Seis representantes da Armada que conquistaram medalhas no II Campeonato de Judo das Forças Armadas.

Teve lugar na Escola Naval, no passado dia 2 de Abril, o II Campeonato de Judo das Forças Armadas, cuja organização foi confiada à Direcção do Serviço de Educação Física da Armada.
Disputado por 27 elementos (8 da Armada, 4 do Exército, 8 da Força Aérea e 7 da P. S. P.), foi presidido pelo general Campos Andrada, presidente da C. E. F. D. F. A., com a assistência, entre outras individualidades, do comodoro Barahona Fernandes, comandante da Escola Naval.
Os resultados obtidos foram os seguintes:

LEVES:
1.º – Mar. FZM n.º 2176/70, Homero – Armada
2.º – Sold. Ventura – Força Aérea
3.ºs – Mar. S FZM n.º 847/67, Oliveira – Armada
– Sold. Costa – Força Aérea
MEIOS-MÉDIOS:
1.º – Sold. Conceição – Força Aérea
2.º – Cadete Carapeto – Armada
3.ºs – Mar. FZM n.º 1432/70, Machado – Armada
– Sold. Taia – Força Aérea

MÉDIOS:
1.º – Furriel Matias – Força Aérea
2.º – Subchefe Aires – P. S. P.
3.ºs. – Sold. Neves – Exército
– Sold. Figueiredo – Força Aérea
MEIOS-PESADOS:
1.º – Mar. FZM n.º 1244/70, Aníbal – Armada
2.º – 1.º-sarg. Baptista – Força Aérea
3.ºs – Mar. A FZM Vidal – Armada
– Cap. Santos – Força Aérea
ABSOLUTOS:
1.º – Alferes Gonçalves – Força Aérea
2.º – Furriel Matias – Força Aérea
3.ºs – Mar. FZM n.º 1244/70, Aníbal – Armada
– Cadete Carapeto – Armada.

As provas, que decorreram com grande entusiasmo, elevado clima de camaradagem e bom espírito desportivo, tiveram um nível técnico bastante aceitável. De salientar que a participação da Armada era constituída (à excepção do cadete Carapeto) por elementos que se fizeram «judocas» dentro da própria Armada, o que valoriza extraordinariamente os resultados obtidos pelos nossos representantes.

O C.N.O.C.A. no Campeonato Nacional da II divisão de Voleibol

A equipa de voleibol do C.N.O.C.A. ao vencer o Moscavide por 3-0 (15-4, 15-13, 15-11) encontra-se em óptima posição para vencer o Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul).
Com efeito, após um primeiro «set» espectacular em que se igualou a vantagem de 13 pontos que o adversário tinha sobre nós no jogo da 1.ª volta e em que havíamos perdido por 3-1, a equipa tranquilizou-se visto que a partir desse momento interessava a vitória pelo menos por 3-1, mas em que a diferença de pontos já não tinha importância. Isto serenou a equipa que conseguiu suplantar o Moscavide desfazendo o «carnaval» que a «claque» adversária se preparava para fazer no final do jogo. (Pois é! Não se podem deitar foguetes antes da festa!)

Sanches Oliveira
1.º-tenente

Vamos jogar Râguebi

Na continuação da divulgação desta modalidade desportiva, apresentamos hoje mais algumas regras sobre râguebi:

5.ª Regra – Enquanto a bola estiver dentro de uma «formação ordenada» só poderá ser jogada com os pés. Ao médio de formação de cada equipa compete agarrar a bola logo que ela sair da formação e passá-la aos seus companheiros. Contudo, enquanto a bola não sair da formação os médicos de formação não podem ultrapassar a linha da bola (Fig. 1).

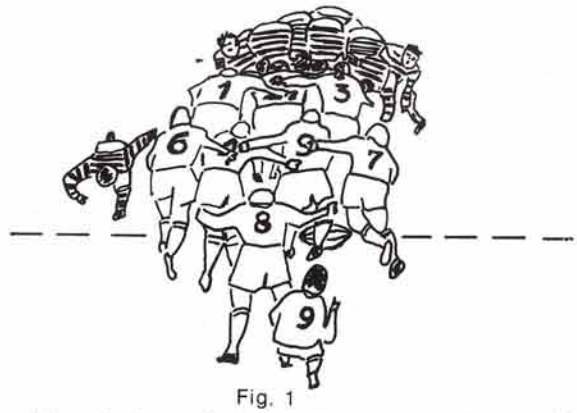


Fig. 1
Os médios de formação (o jogador n.º 9 e o jogador listrado à esquerda) não podem ultrapassar a linha.

6.ª Regra – Quando a bola sai pela linha lateral será efectuado um «alinhamento» perpendicularmente à linha lateral, a 5 metros desta, e em que tomam parte os avançados de ambas as equipas. A bola é lançada à mão (normalmente pelo talonador) pelo ar, e os avançados, saltando, tentarão tocá-la para o seu médio de formação que se mantém ao lado do alinhamento pronto a receber a bola e a passá-la rapidamente para os seus companheiros. Todos os jogadores que não tomam parte no alinhamento estão pelo menos a uma distância de 10 metros dele (Fig. 2).

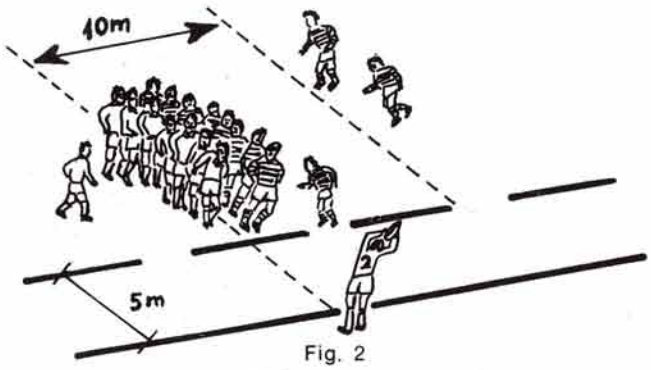


Fig. 2

Alinhamento.

7.ª Regra – O alinhamento será feito:

a) No ponto onde saiu a bola se esta for pontapeada por um jogador dentro da sua área de 22 metros;

b) No ponto onde saiu a bola se esta, ainda que ponteada fora da área dos 22 metros, bateu no chão antes de sair do terreno;

c) Na perpendicular à linha lateral que passa pelo local onde a bola foi pontapeada quando esse pontapé for executado fora da área dos 22 metros e a bola saia sem bater no terreno.

8.ª Regra – Apenas pode ser «placado» um jogador que esteja na posse da bola. Se o jogador for placado de tal modo que não possa passar a bola ou que ao cair placado toque com a bola no chão, é obrigado a largá-la das suas mãos (um jogador nestas condições diz-se «blocado» Figuras 3 e 4).

Fig. 3

O jogador listrado está «blocado» porque tem os braços presos e não pode jogar a bola; deve largá-la imediatamente.

Fig. 4

O jogador listrado ao ser placado e não podendo impedir que a bola toque no solo, está «blocado». Deve largá-la imediatamente.

9.ª Regra – Quando um jogador ao ser placado não possa impedir que a bola toque no solo deverá largá-la mas de modo a que o corpo fique do lado do campo adversário e a bola do lado oposto para assim possibilitar que os seus avançados se agrupem e possam opôr-se ao grupo contrário, empurrando-o de modo a conquistarem a posse da bola. É o que se chama uma «formação espontânea». Desta formação a bola não pode ser tirada à mão.

10.ª Regra – É castigada com um pontapé de penalidade no local onde se deu a falta, a equipa que tenha algum jogador «fora de jogo». Estão nestas condições:

a) Um jogador que, estando à frente dum seu companheiro, recebe à mão uma bola chutada por este;

b) Um médio de formação que na «formação ordenada» ultrapasse a linha da bola;

c) Um jogador que entre numa «formação espontânea» ou «ordenada» pelo lado do adversário.

(Nos pontapés de penalidade os companheiros da equipa do jogador que vai chutar a bola devem estar atrás dele; os jogadores adversários estarão a 10 metros pelo menos. A equipa que beneficia de penalidade pode escolher entre o pontapé colocado, de ressalto ou de balão.)

11.ª Regra – O jogo desenrola-se em duas partes de 40 minutos cada, separadas por um intervalo de 10 minutos; começa com um pontapé colocado a meio do terreno ou por um pontapé de ressalto (efectuado atrás da linha de meio-campo) quando uma equipa sofre um ensaio não transformado.

12.ª Regra – Se um jogador atira a bola para fora através da área de validação do adversário à equipa defensora caberá fazer um «pontapé de ressalto» atrás da linha de 22 metros (pontapé de recomeço).

Sanches Oliveira
1.º-tenente

Foi há 42 anos que o C.N.O.C.A. venceu a 1.ª prova oficial de Remo

Em Maio de 1932, uma tripulação do C.N.O.C.A. disputou a 1.ª prova em que, oficialmente, o clube tomou parte, remando em embarcações estilizadas. Correu-se, igualmente pela 1.ª vez, em «yoles de mer» – tipo de embarcação nessa altura novo entre nós – e disputava-se a taça Dr. Manuel de Arriaga. A prova foi conquistada pela tripulação do C.N.O.C.A. (treinada pelo então 1.º-ten. MN Oliveira Duarte, campeão nacional de remo ao serviço do Clube Naval de Lisboa), com um avanço de 5 barcos, tendo também tomado parte equipas representativas da Associação Naval de Lisboa e do Grupo Desportivo dos Caminhos de Ferro.

A tripulação do C. N. O. C. A., constituída pelos então aspirantes, da esquerda para a direita, com. Pereira Duarte, cap.-m.-g. Cardoso Barata, c.-alm. Paulino Pereira (timoneiro), c.-alm. Luciano Bastos e v.-alm. Ferreira de Almeida.

J. Pereira Duarte
Com.

---

filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

A tradicional série «Europa» foi este ano posta em circulação no dia 29 de Abril e, além do selo que reproduzimos, é constituída por mais dois com igual desenho e as taxas de 4$00 e 6$00. Este conjunto não será mais a partir deste ano uma série a obedecer a um desenho imposto pois, como já foi divulgado, os correios de cada país têm a liberdade de escolher o motivo a partir de um tema previamente determinado, sendo escolhido como primeiro nesta nova modalidade, a escultura. Estamos em presença de uma inovação que prevemos seja muito positiva na medida em que com motivos e temas variados iremos encontrar razões para reavivar memórias ou trazer ao conhecimento grandes

artistas e obras maravilhosas dos mais diversos campòs da arte.
Andaram muito bem os nossos CTT em se ocuparem da indiscutível obra de arte portuguesa «O Desterrado», do escultor Soares dos Reis, patente no museu que na cidade do Porto tem o nome do artista.

Trabalho muito válido dos Serviços Artísticos dos CTT, os selos, estamos certos, serão aceites com muito interesse por todos os filatelistas, especialmente pelos que se ocupam das temáticas «Europa» e «Escultura»

G. Brandão
2.º-ten. SG

O NOSSO TEMA

Continuamos neste número a rubrica iniciada em números anteriores e destinada a dar a conhecer todas as novidades em selos, inteiros e carimbos do tema Marítimo. Julgamos, assim, ajudar os inúmeros coleccionadores dos temas do Mar existentes na nossa Corporação.
Reproduzimos duas das novidades: a primeira é constituída por um selo emitido pelos correios franceses que nos mostra fases de um salvamento no mar; a segunda, um aerograma emitido pelos Estados Unidos comemorativo do 25.º aniversário da N. A. T. O, da qual o nosso país é membro.

A. Vieira Pinto
Mar. A

CURIOSIDADES

O Governo egípcio aprovou a verba de 15 milhões de libras para efeito da cobertura dos encargos correspondentes à primeira fase dos trabalhos para reabertura do Canal de Suez.

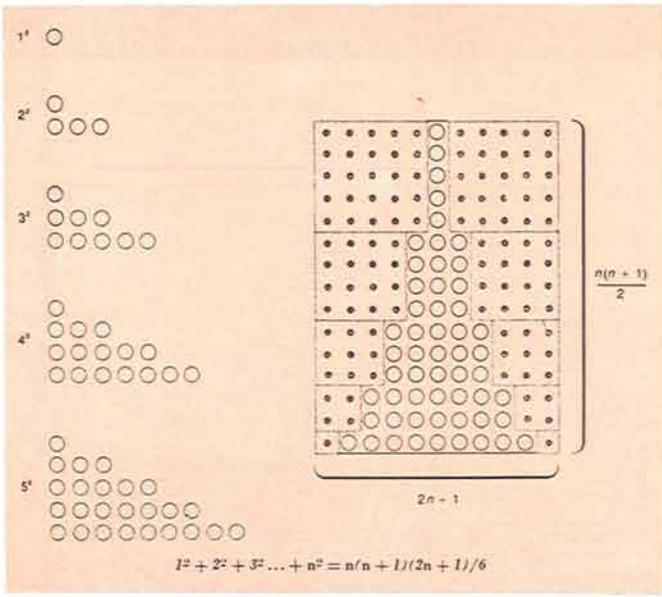
A empresa AG Weser revelou a existência de um plano para a construção dum navio catamaran, de propulsão a energia nuclear, capaz de transportar 2200 contentores e de desenvolver uma velocidade até 45 nós.

O grupo de trabalho franco-britânico para a segurança da navegação no estreito de Calais propôs a construção no meio da Mancha, provavelmente em Sandettie, de uma torre de radar que permitirá supervisionar e controlar uma parte do tráfego que não é fácil de observar de uma costa ou de outra.

(In «Boletim Analítico» da J. N. M. M.)

CURIOSIDADES MATEMÁTICAS

Na continuação das curiosidades matemáticas apresentadas anteriormente, damos hoje mais um exemplo:



4.º – A soma dos quadrados dos primeiros *n* números inteiros é dada pela expressão:

$$1^2+2^2+3^2+....n^2 = \frac{n(n+1)\ (2n+1)}{6}$$

A prova visual é um tanto ou quanto mais complicada mas, apesar de tudo, perfeitamente acessível. Vejamos: o quadrado de um número *n*, como já vimos anteriormente, pode ser representado pela soma dos primeiros *n* números ímpares consecutivos. É o que a parte esquerda da figura 4 mostra. Assim: $1^2=1$; $2^2=1+3$; $3^2=1+3+5$, etc. Considerámos, no exemplo, os primeiros cinco quadrados. Neste arranjo de pontos verificamos que aparece uma vez uma fila de nove, duas vezes uma de sete, três vezes uma de cinco, quatro vezes uma de três e cinco vezes uma de um. Estas quinze filas podem ser empilhadas começando com a maior na base, pela forma que mostra o arranjo central da parte direita da figura 4. Constrói-se, assim, uma espécie de torre. Colocamos agora, de cada lado da torre, arranjos de pontos em quadrado, e que correspondem aos quadrados dos 5 primeiros números inteiros consecutivos 1^2 2^2, 3^2, 4^2 e 5^2. Formamos, assim, um rectângulo com a altura igual à soma dos primeiros *n* números inteiros. Como já vimos anteriormente, essa soma é $\frac{n(n+1)}{2}$. A largura do rectângulo corresponde ao número ímpar de ordem a seguir à *n*, e que é portanto $2n+1$. O número total de pontos do rectângulo é o produto da largura pela altura ou seja $\frac{n(n+1)\ (2n+1)}{2}$. Como a torre tem a terça parte dos pontos do rectângulo, o seu número será $\frac{n\ (n+1)\ (2n+1)}{6}$ como pretendíamos provar.

O. Lemos
Cap.-frag.

Um mar de gente no Estádio dos trabalhadores, no dia 1 de Maio.

Rossio na tarde de 27 de Abril.

O MOVIMENTO das FORÇAS ARMADAS

Um instrutor da PIDE, sob prisão.

Cravos vermelhos para os marinheiros.

Na Escola Técnica da PIDE, em Sete Rios.

O Movimento das Forças Armadas

REUNIÃO DE OFICIAIS DA ARMADA

No dia 29 de Abril passado, reuniram-se, na Casa da Balança, algumas centenas de oficiais da Armada, de todas as classes e postos, para apreciarem a actual conjuntura política da Nação e a reestruturação da Marinha. Nesta reunião foi aprovada uma moção, do seguinte teor:

– considerando a necessidade de mobilizar todas as vontades para o gigantesco esforço que o País espera da sua Marinha;

– considerando a necessidade de nos mantermos unidos e coesos para levarmos a bom termo a execução da missão que nos propusemos;

– considerando a urgência da reorganização dos quadros da Armada e da reestruturação dos serviços que conduzam a uma saudável e honesta administração das verbas públicas atribuídas à Armada;

– considerando ainda a necessidade de salvaguardar as tradições democráticas da Marinha e os princípios do M. F. A.:

« – Afirmam a sua intransigente vontade de não permitir desvios aos princípios formulados no programa do Movimento, observando uma constante vigilância para manter a sua pureza inicial.

2 – Recomendam uma rápida reorganização e saneamento dos quadros permanentes da Armada e posterior reestruturação dos serviços.

3 – Comprometem-se a fomentar o associativismo na Armada, na base de uma sã convivência e camaradagem, procurando estabelecer relações de solidariedade, cooperação e amizade entre si.

4 – Afirmam a observância e respeito do princípio da hierarquia, sem prejuízo do indicado no ponto um.»

REUNIÃO DO PESSOAL CIVIL DO MINISTÉRIO DA MARINHA

Na Casa da Balança, com a presença de muitas centenas de funcionários, realizou-se no passado dia 3 de Maio uma reunião do pessoal civil do Ministério da Marinha, de todas as classes e hierarquias, a que estiveram presentes o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro Azevedo, o director do Serviço do Pessoal, comodoro Tengarrinha Pires, e o chefe da 4.ª Repartição da Direcção do Serviço do Pessoal, capitão-de-mar-e-guerra Abel de Oliveira.

Na reunião, foram tratados os dois seguintes pontos:

– Apoio aos princípios enunciados no programa da Junta de Salvação Nacional;

– Significado do pessoal civil no conjunto de serviços militares e no de actividades puramente civis do Ministério da Marinha.

Foram ainda apreciados e discutidos diversos assuntos de interesse para o funcionalismo do nosso Ministério.

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS NO CLUBE MILITAR NAVAL

Na reunião da assembleia geral do Clube Militar Naval, realizada no dia 15 de Março, foram entregues os Prémios dos Anais relativos ao ano de 1973.

O Prémio Almirante Augusto Osório foi recebido pelo capitão-tenente Luís Manuel Dias da Costa Correia, como autor do melhor artigo do ano; o Prémio Almirante Barroso coube ao contra-almirante Jorge Maia Ramos Pereira, considerado o melhor colaborador no referido ano.

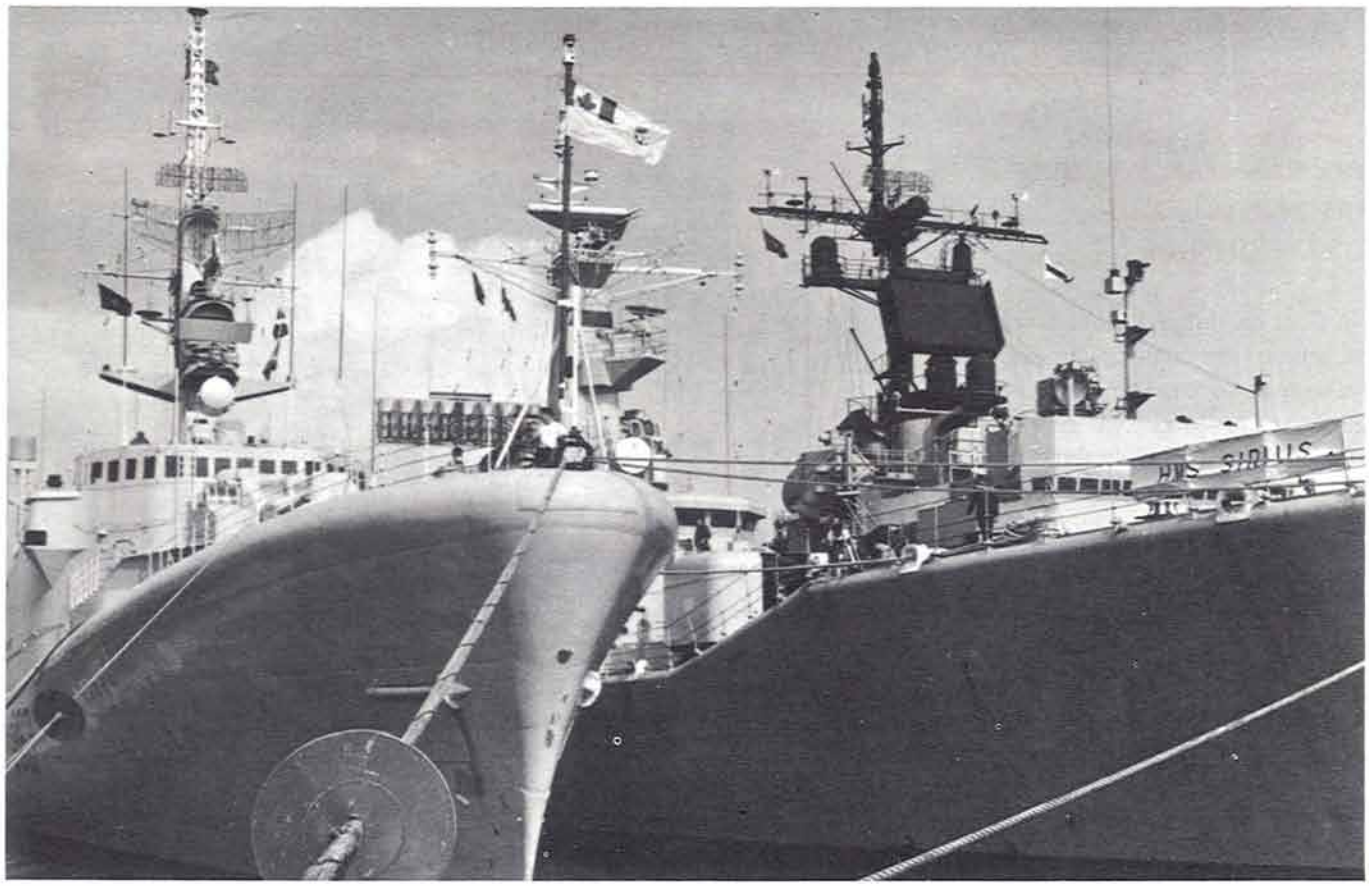
Foi também entregue o Prémio Marinheiro Artilheiro António Ferreira a Maria de Lurdes Figueiredo da Silva, filha do cabo Q n.º 1963 José da Silva; e a Manuel Dias de Oliveira, filho do cabo R n.º 1923 Manuel de Oliveira.

Este prémio, no valor de 5000$00, dividido em duas partes iguais, destina-se a premiar filhos de praças da Armada que obtenham as classificações mais elevadas na frequência dos cursos do 1.º ciclo dos liceus (antigo curso geral dos liceus) e cursos equivalentes das escolas industriais, comerciais e agrícolas e no ciclo preparatório para o ensino secundário; foi instituído pelo comandante Joaquim Costa em homenagem ao marinheiro artilheiro António Ferreira, que foi um dos bravos que a bordo da lancha «Vega», na Índia, sacrificou a vida em defesa da Pátria, em 1961.

Estranha-se, todavia, que poucas praças, talvez por desconhecimento da sua existência, candidatem os seus filhos a este prémio.

VISITA A LISBOA DA STANAVFORLANT

De 28 de Março a 17 de Abril encontraram-se entre nós os 1500 homens que constituem as guarnições das unidades que compõem a Força Naval Permanente da NATO que demandou o porto de Lisboa para um período de manutenção de rotina e



de repouso das guarnições. Os navios que presentemente constituem a Força são: o canadiano «Yukon» (navio-chefe); o alemão «Augsburg»; o holandês «Rotterdam»; o inglês «Sirius»; o americano «Julius A. Furer» e o norueguês «Narvik». A comandar a Força, o comodoro da Marinha canadiana G. M. de Rosenroll, sendo seu chefe do Estado-Maior o capitão-de-fragata Cardoso Tavares.

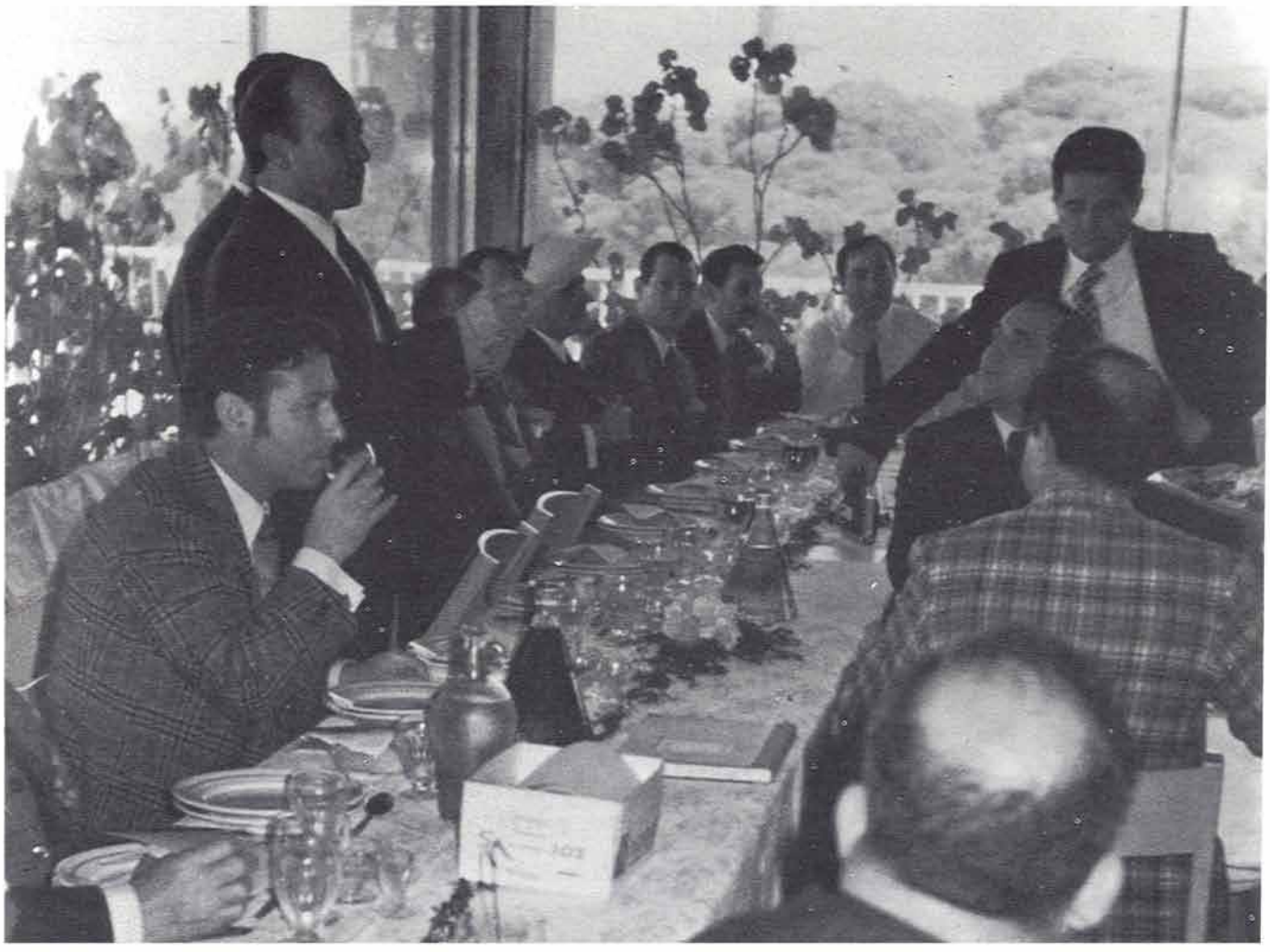
Além das visitas de cumprimentos a entidades oficiais, por parte do comandante da Força, às guarnições foram proporcionados passeios aos arredores, visitas ao Museu de Marinha e participação em competições desportivas na Base Naval e em outros locais.

A Força tomou igualmente parte nas cerimónias comemorativas da fundação da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que tiveram lugar nas instalações do Comiberlant em Oeiras, havendo aquela Força deixado o nosso porto no dia 17 de Abril, regressando a 19 e largando novamente a 25 de Abril a fim de executar em águas territoriais portuguesas o exercício conjunto «Dawn Patrol», em que colaboraram a fragata «Lowestoff» e o submarino britânico «Opportune», uma força naval da Armada dos Países Baixos composta por quatro unidades; uma força naval da Armada do Canadá constituída por cinco navios e as seguintes forças aéreas e navais portuguesas: aviões «F-86» e um avião «P2V5» de patrulha marítima, com base no Montijo; draga-minas costeiros «Lajes», «Horta» e «Santa Cruz», em operações de rocega da entrada do porto de Lisboa.

Os meios envolvidos neste exercício abrangeram, assim, um total de 20 navios e várias unidades aéreas.

O RECRUTAMENTO DE 1949 COMEMOROU AS BODAS DE PRATA

Estiveram reunidos, no dia 30 de Março, no restaurante do Supermercado da Marinha, no Alfeite, para assinalarem com um almoço de confraternização as Bodas de Prata do

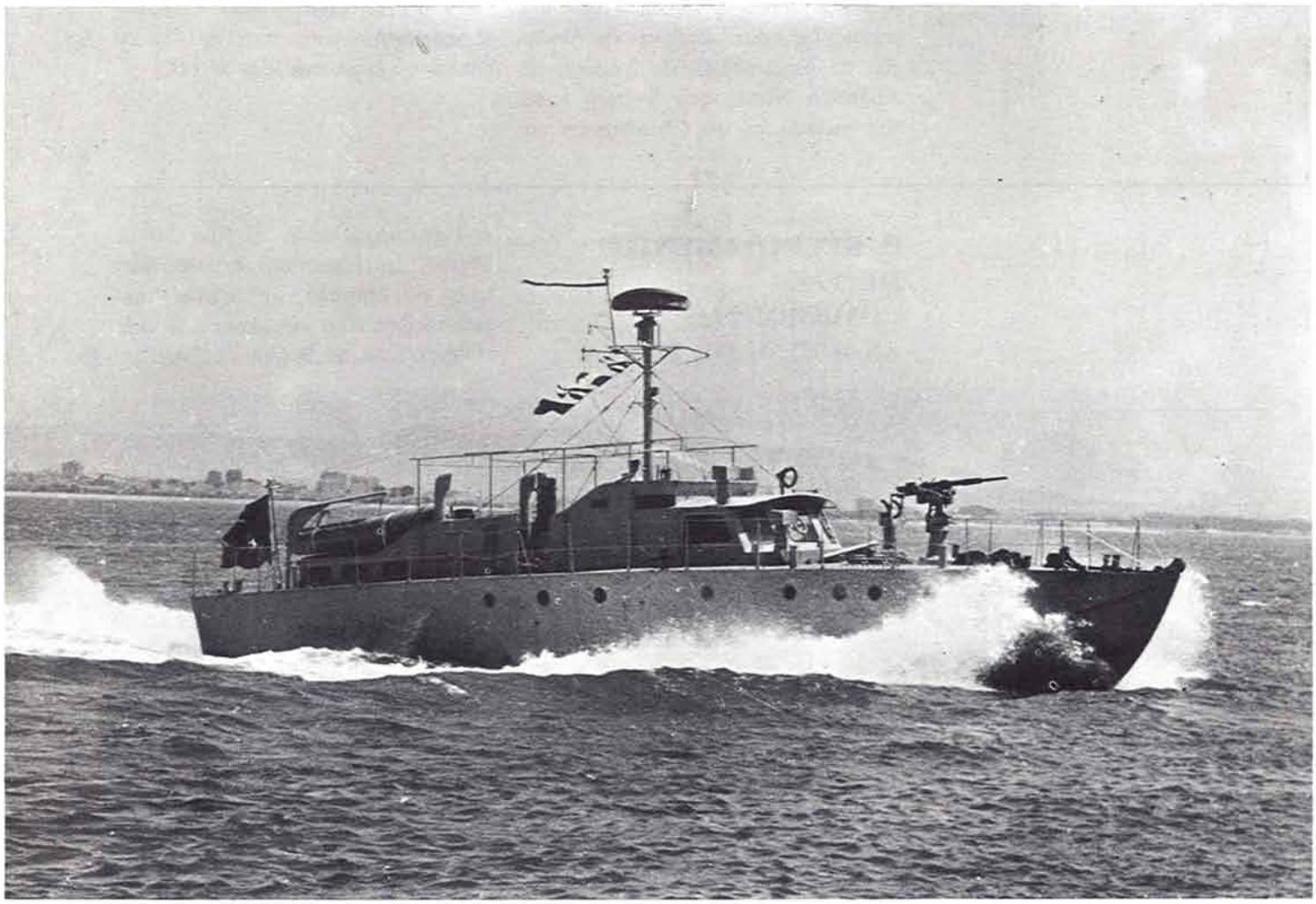


seu recrutamento, cerca de 150 «filhos da Escola», que em 1949 envergaram pela primeira vez a farda do alcaixa.

Além de evocarem, antes do repasto, com um minuto de silêncio, a memória de alguns camaradas já falecidos, puderam os convivas recordar as vissicitudes de uma vida que se vai distanciando e a sã camaradagem que sempre existiu entre si.

Finalmente, foi nomeada uma comissão que no próximo ano terá o encargo de preparar e organizar nova confraternização.

ASSISTÊNCIA PRESTADA PELA LANCHA DE FISCALIZAÇÃO «ALBUFEIRA»



Novamente a lancha de fiscalização «Albufeira» teve oportunidade de prestar auxílio decisivo, em águas de Timor, a uma embarcação em dificuldades. O facto ocorreu no passado dia 6 de Abril em que aquela lancha detectou a 5 milhas a sul da ilha Atauro uma embarcação indonésia com 137 ocupantes, a qual, pela falta de vento, se encontrava à deriva e sem água havia já 5 dias. Grande foi o regosijo de todos os que se encontravam a bordo da embarcação, que foi rebocada pela «Albufeira» para Maumeta, em Timor, reabastecida e assistida pelas autoridades administrativas locais.

CONCERTOS
PELA BANDA DA ARMADA

Com a presença de entidades militares e civis, teve lugar no passado dia 7 de Abril, no Teatro da Trindade, o último concerto da Banda da Armada, no encerramento da série organizada pela FNAT de colaboração com o Ministério da Marinha.

Sob a direcção do capitão-de-fragata Marcos Romão dos Reis Júnior, a Banda da Armada executou várias obras de autores nacionais e estrangeiros que mereceram das entidades presentes e numeroso público calorosas manifestações de apreço para os respectivos realizadores e intérpretes.

quarto de folga

O PROFESSOR PARA OS ALUNOS DA 1.ª CLASSE

– Meus amigos, ontem fui às compras e adquiri 10 kg de arroz, 20 kg de açúcar, 10 litros de azeite e 4 litros de vinho. Qual de vocês adivinha quantos anos tenho eu? Perante uma pergunta deste género, os alunos ficaram silenciosos até que um deles se levantou e disse:

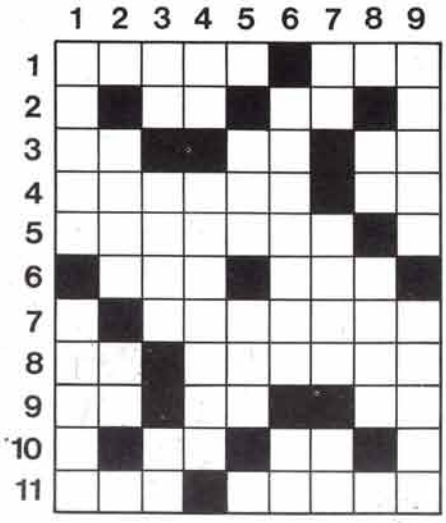
– O senhor professor tem 44 anos.

– Como adivinhaste, Joãozinho?

– Foi simples, senhor professor, é que eu tenho em casa um tio que é meio-maluco e tem 22 anos.

Apresentada por Leite Ribeiro
Mar. L. n.º 1183/71

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Ave de rapina; cartel. 2 – Tua pessoa; aqueles. 3 – Estás; senhor (abrev.); letra grega. 4 – Arar; prata (s. q.). 5 – Demoliras. 6 – Além; únicos. 7 – Infaustos. 8 – Clima; crava com força. 9 – Observa; nojo; antes de Cristo. 10 – Justa; compreendi. 11 – Norma; purificar.

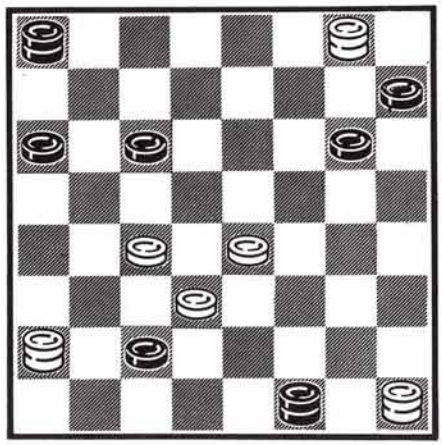
VERTICAIS: 1 – Fruto de casca rija; náutico. 2 – Aluvião; popa. 3 – Nota musical (ant.); círio; pronome pessoal. 4 – Dois romanos; raiz-ame. 5 – Czar; alo. 6 – Rasoirar; ande. 7 – Artigo (pl.); baraço; quatro romanos. 8 – Utensílio; tunda. 9 – Amásio; arrancar.

SEASA
Cabo aux. RA

(Solução na pág. 34)

DAMAS

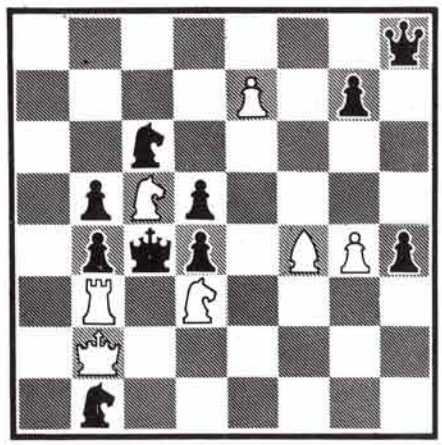
(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham

XADREZ

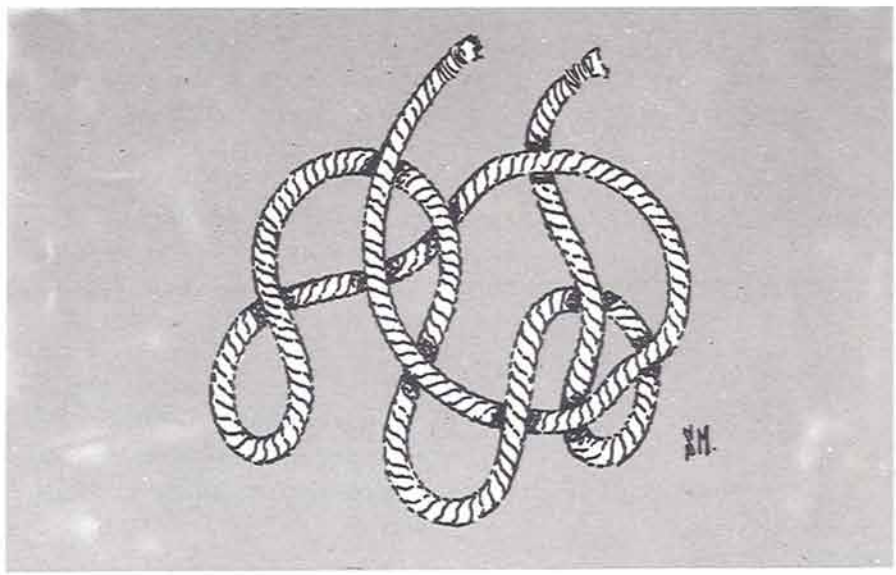
(Solução na pág. 34)



Jogam as brancas e dão mate em 3 lances.

CONCURSO N.º 33

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.



– Puxando as pontas livres deste cabo forma-se ou não um nó?

UM JOGO POUCO CONHECIDO

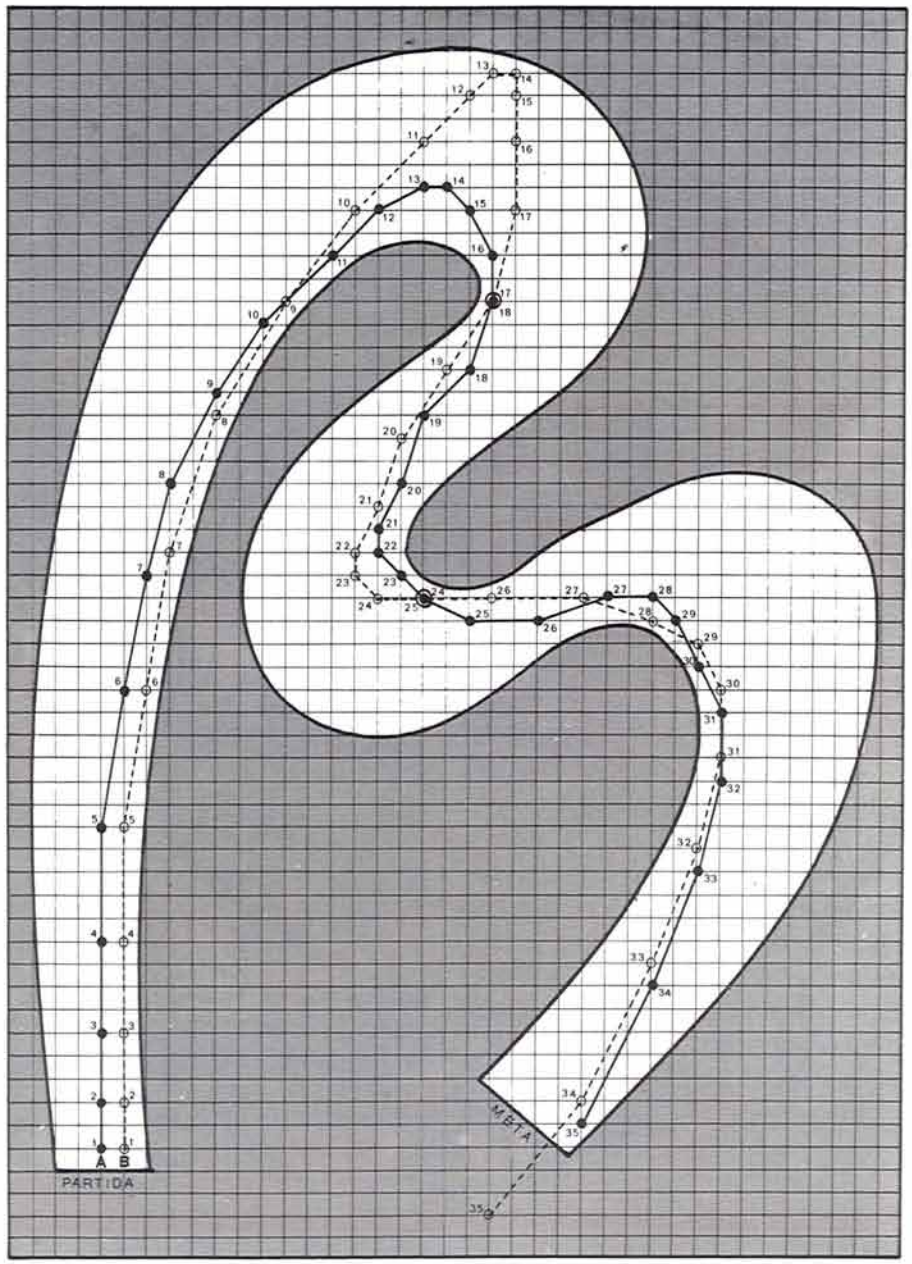
Propomos hoje um jogo que julgamos de interesse como passatempo e até como exercício mental. Trata-se da simulação de uma corrida de carros. É necessário apenas lápis e uma folha de papel quadriculado. Trace-se um percurso qualquer em que caibam tantos carros quantos os jogadores. Mais de quatro não é muito praticável. O percurso deve ter curvas acentuadas como no caso da figura por exemplo. Cada jogador desenha um pequeno quadrado em volta do ponto de partida sobre a linha de largada. O movimento dos carros obedece às seguintes três regras:

1.ª – O ponto da grade que o carro há-de ocupar e a linha recta que o une ao anterior têm que ficar dentro da pista;

2.ª – Um ponto não pode ser ocupado simultaneamente por dois carros, isto é, não pode haver colisões;

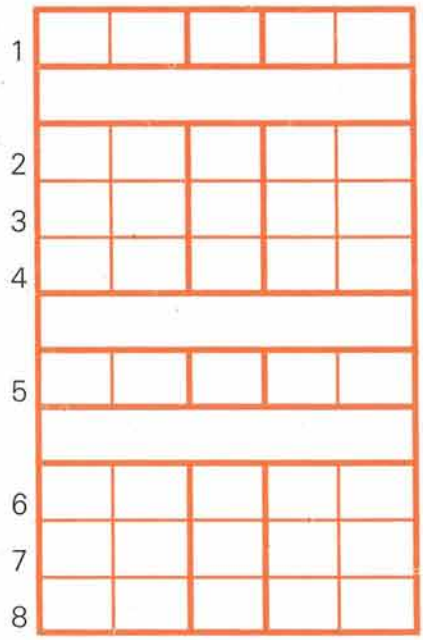
3.ª – As acelerações e as reduções de velocidade são simuladas da seguinte forma: um carro só pode deslocar-se em relação ao movimento anterior um número de unidades igual ou menos uma ou mais uma tanto no sentido vertical como no sentido horizontal. Assim, o movimento inicial só poderá ser uma unidade horizontalmente, verticalmente ou ambas. Se o movimento anterior foi de 1 para cima e 3 para a direita o próximo, só poderá ser 0, 1 ou 2 para cima e 2, 3 ou 4 para a direita.

O primeiro carro que cortar a linha de chegada ganha. Um carro que colida com outro ou saia da pista fica fora da prova. No exemplo que damos, o 2.º jogador-B (traçointerrompido)abrandoumuito tarde (pois só pode abrandar uma unidade de cada vez) e fez a primeira curva muito mal. Por pouco saía da pista. Em consequência disso ficou para trás a meio do percurso. Mas a última curva, fê-la soberbamente e ganhou cortando a linha final uma jogada à frente do 1.º jogador-A (traço contínuo). Nas jogadas 17 e 18, 24 e 25 os carros ocuparam o mesmo ponto mas não colidiram porque foi em instantes diferentes. Na jogada 22 o corredor B havia de preferir o ponto ocupado pelo outro carro, descendo 2 na vertical mas não podia por estar a posição ocupada. Experimentem e verão que se entusiasmam.



O. Lemos
Cap.-frag.

PILHA DE PALAVRAS



1 – Pieira. 2 – Casal. 3 – Suplica. 4 – Barranco. 5 – Chumbo. 6 – Aparato. 7 – Bando. 8 – Pilha, ruma.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de uma localidade perto da Póvoa de Varzim. Este passatempo apresenta a particularidade das palavras de iniciarem pela letra «P».

Basto Carreira
Cap.-m.-g.

– Claro que és o único homem na minha vida – os outros são só para brincar...

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Águia; ola. 2 – Ti; as. 3 – És; sr; pi. 4 – Lavrar; AG. 5 – Apearas. 6 – Ali; sós. 7 – Aziagos. 8 – Ar; acrava. 9 – Vê; dó; aC. 10 – Sã; vi. 11 – Lei; Lavar.

VERTICAIS: 1 – Avelã; naval. 2 – Sapa; ré. 3 – Ut; vela; si. 4 – Il; raizada. 5 – Sar; iço. 6 – Arrasar; vá. 7 – Os; soga; IV. 8 – Pá; sova. 9 – Amigo; sacar.

DAMAS

	BRANCAS	PRETAS
1.	14-18	21-14
2.	1-28	32-12
3.	8-19	29-3

XADREZ

1. B d 6, seguido de:
2. T x b 4 ch, etc.

se:

1. ....., Dh 5
2. Ra1

ou:

1. ....., g6
2. R x b 1

ou:

1. ....., g5
2. R c 1

PILHA DE PALAVRAS

1 – Piaço. 2 – Póvoa. 3 – Prece. 4 – Perau. 5 – Plomo. 6 – Pompa. 7 – Piara. 8 – Parga.

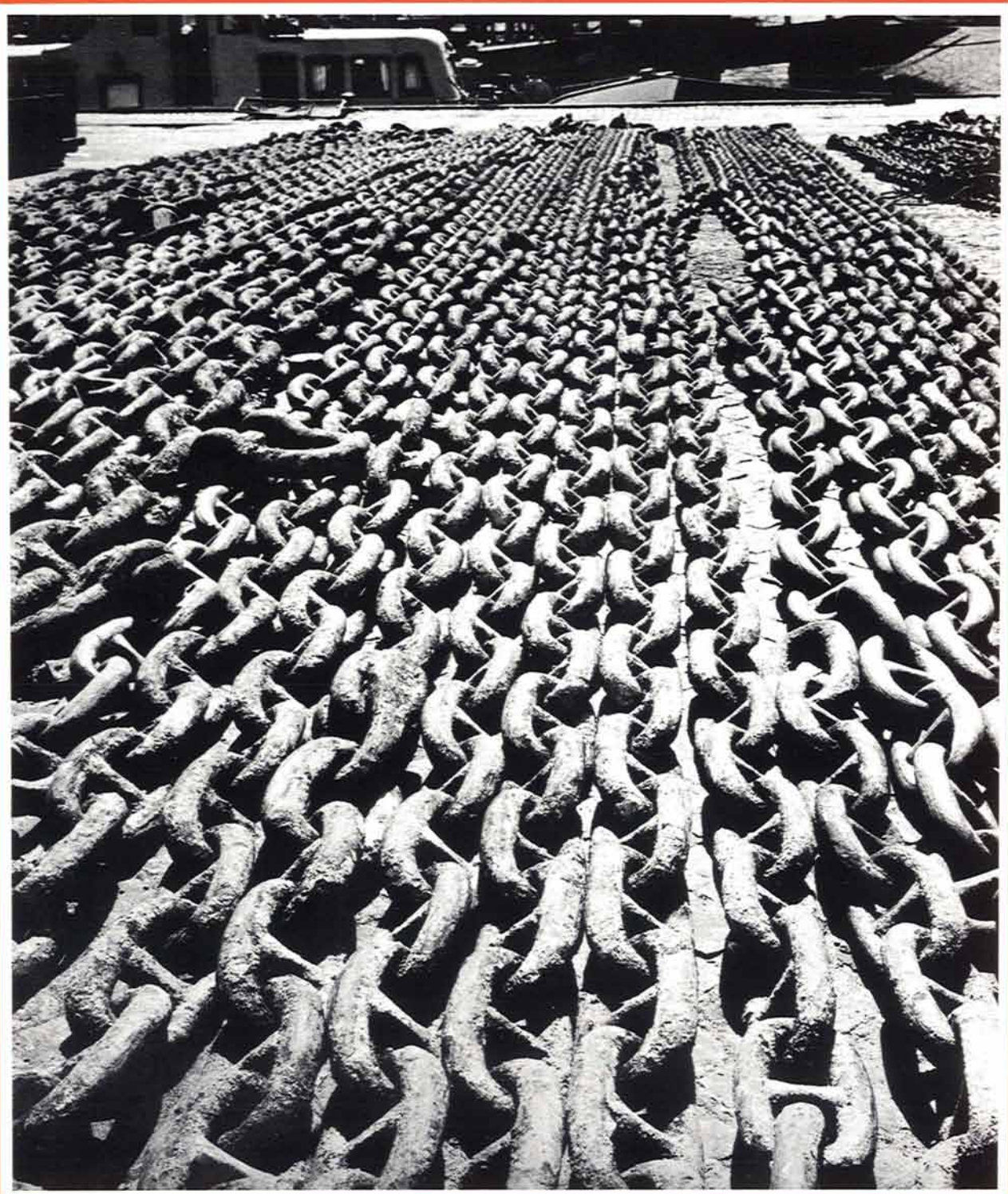
(A Ver o Mar).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 31

Conquistador, Povoador, Gordo, Capelo, Bolonhez, Lavrador, Bravo, Justiceiro e Formoso.
VENCEDOR: Serafim N. Cristóvão, cabo A n.º 7619, Gabinete do Ministro

BASE NAVAL

Amarra em beneficiação



(Foto de Liberto Carvalho, mar. FZ)

Submarino «Albacora»

Características Principais dos Submarinos Classe "ALBACORA"

Deslocamento à superfície: 869 tons.; deslocamento em imersão: 1043 tons. Comprimento f.f.: 57,8 metros; boca: 6,8 metros; calado: 5,3 metros. Velocidade máxima: 15,5 nós. Autonomia navegando com a aspiração Snort à velocidade de 5 nós: 6500 milhas.

ARMAMENTO: Doze tubos lança-torpedos que podem transportar e lançar torpedos de vários tipos desde o de carreira rectilínea ao torpedo acústico-activo. O cálculo para a trajectória dos torpedos é feito por um conjunto de equipamentos electrónicos.

EQUIPAMENTOS DE ESCUTA SONORA: Dois sonares; um grupo microfónico; um telémetro acústico; um goniómetro acústico; um analisador de frequências sonar e dois telefones submarinos.

EQUIPAMENTOS DE ESCUTA ELECTROMAGNÉTICA: Um radar; um detector radar e um IFF.

APARELHO MOTOR: Duas linhas de veios; dois motores eléctricos de propulsão com 800 cavalos cada; dois grupos electrogéneos com 450 KW cada.

Dentro de uma área de grande radioactividade, após um ataque atómico, estes submarinos têm a protecção que lhes é dada pela água do mar.

Estes submarinos foram concebidos para serem discretos principalmente no que diz respeito aos ruídos produzidos pelo aparelho motor e no lançamento de torpedos.

São quatro os submarinos deste tipo, todos construídos nos Ateliers Dubigeon-Normandie, em Nantes, França: «Albacora» (lançado à água em 13-10-66); «Barracuda» (lançado à água em 24-4-67); «Cachalote» (lançado à água em 16-2-68) e «Delfim» (lançado à água em 23-9-68).

(Colaboração do Comando da Esquadrilha de Submarinos)